



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

MARIA QUINTEIRO ALMADA DE MELLO

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A EXPERIMENTAÇÃO DAS REDES SOCIAIS
EM PROJETOS DE EDUCOMUNICAÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA**

SALVADOR
2019

MARIA QUINTEIRO ALMADA DE MELLO

**Comunicação e educação: a experimentação das redes sociais em
projetos de educomunicação em escola pública**

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia como requisito
parcial para obtenção do grau de bacharel em
Comunicação com habilitação em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rossoni

SALVADOR

2019

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Para agradecer a transformação de um sonho no Projeto Jovem Curioso, preciso agradecer primeiramente à minha mãe, Abigail, que me apresentou a Escola Pública na visão de uma professora que tornou a arte de educar em poesias e apresentações culturais; a Almada, que além da sua função exímia de pai, me orientou como um jornalista excepcional; aos meus alunos, que me proporcionaram um aprendizado único em uma parceria que vai além de qualquer sala de aula; a meu parceiro Giancarlo, que a cada dificuldade me fez acreditar que daria certo; à Escola Sátiro Dias e à minha amiga Luci, que me apoiou durante todo o processo, e a meu orientador Rodrigo Rossoni, que além de todo o conhecimento que me transmitiu para produzir esse projeto, me fez acreditar na ligação da comunicação com a educação como ferramenta para o desenvolvimento desses adolescentes.

RESUMO

O Projeto Jovem Curioso é resultado de uma experiência fundamentada nos referenciais teóricos e metodológicos da Educomunicação. É uma intervenção construída por meio de práticas educacionais, como oficinas de fotografia, vídeos e textos, com alunos e alunas da Escola Estadual Sátiro Dias, localizada na Pituba, Salvador. Durante quatro meses a convivência com estudantes do nono ano do ensino fundamental potencializou o diálogo com novas formas de expressão e comunicação, e resultou na criação de um perfil no Instagram e um canal no Youtube. O objetivo foi criar uma espécie de ecossistema comunicativo, onde, a exemplo do que acontece na Natureza, todos os alunos (reinos) interagem e se auxiliam, a partir da implantação de uma comunicação em rede, para que os adolescentes se tornassem protagonistas de todas as ações do projeto e experimentassem novas possibilidades criativas de linguagem e produzissem sua própria comunicação.

Palavras-chaves: Educomunicação; adolescentes; escola.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Área externa da Escola Estadual Sátiro Dias
- Figura 2- Emille, Anderson e Mateus, Projeto Jovem Curioso
- Figura 3- David, Luis Felipe e Wesley Gabriel, Projeto Jovem Curioso
- Figura 4- Portão da Escola Estadual Sátiro Dias (Bahianow)
- Figura 5- Oficina do Projeto Jovem Curioso
- Figura 6- Maria Vitória, Yasmim, Sara e Ticiane, Projeto Jovem Curioso
- Figura 7- Foto: Integrantes do Projeto Jovem Curioso,
- Figura 8- Wesley Gabriel, Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 9- Emille Souza, Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 10- Perfil Instagram, Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 11- Canal no Youtube, Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 12- Emily, Emille, Hugo, Felipe e Anderson, Projeto Jovem Curioso
- Figura 13- Felipe, Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 14- Integrantes do Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 15- Raiane, Adailson e Hugo, Projeto Jovem Curioso
- Figura 16- Integrantes do Projeto Jovem Curioso, 2019
- Figura 17- Pedro, Wesley Gabriel, David e Luis Felipe, Projeto Jovem Curioso
- Figura 18- Ticiane, Yasmim, Raiana, Sara, Stefanie e Maria Vitória
- Figura 19 – Hugo, Wesley Gabriel, Yasmim, Carol e Ticiane
- Figura 20- Luis Henrique, Projeto Jovem Curioso
- Figura 21- Integrantes do Projeto Jovem Curioso
- Figura 22- Leire, Integrante do Projeto Jovem Curioso
- Figura 23- Oficina de Fotografia, Projeto Jovem Curioso

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
1.1 ESCOLA ESTADUAL SÁTIRO DIAS.....	12
1.2 NOSSAS JUVENTUDES.....	17
1.3 JUVENTUDES E COMUNICAÇÃO.....	23
2. EDUCOMUNICAÇÃO.....	29
2.1 JUVENTUDES E PLATAFORMAS DIGITAIS.....	37
2.2 PROJETO JOVEM CURIOSO: CONSTRUINDO ECOSSISTEMAS.....	41
3 OFICINAS.....	45
3.1 COMUNICAÇÃO NA ESCOLA.....	56
3.2 NA SALA DE AULA.....	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

1.INTRODUÇÃO

Este projeto é resultado de um trabalho de campo que gerou ampla pesquisa a partir de uma série de atividades sob a natureza da Educomunicação, realizadas a partir de oficinas, com estudantes do nono ano da Escola Estadual Sátiro Dias, localizada no bairro da Pituba, em Salvador, que oferece turmas do quinto ao nono ano do ensino fundamental 2. O produto final deste projeto resultou em um perfil no Instagram e um canal Youtube, e assim surge o “Projeto Jovem Curioso”. O objetivo dessa intervenção é incitar a valorização dos adolescentes e de suas capacidades diante do meio em que vivem, além de incentivar as formas de expressões através de vídeos, fotos e textos.

A ideia de realizar este projeto foi motivada por uma vivência anterior com adolescentes – como então eu era - dessa mesma Escola Sátiro Dias, quando pude com eles conviver e ver um pouco de sua realidade, tanto na escola quanto em sua própria casa, construindo, a partir daí, a ideia de proporcionar aos estudantes o contato com diferentes informações, formas de expressões e as plataformas digitais. Em paralelo a isso, em minha vivência na Universidade, especificamente na disciplina Comunicação e Atualidade II, ministrada pelo professor Rodrigo Rossoni, com suas experiências relacionadas a adolescentes, envolvendo Educomunicação e fotografia. Desde então, meu Trabalho de Conclusão de Curso, mesmo sem um recorte específico, já tinha um tema definido.

O projeto é inspirado na Educomunicação fortalecida em seu conceito de comunicação dialógica e participativa, gerando ecossistemas que virão proporcionar um ambiente educacional baseado em ampla interação participativa, permitindo que todos da escola consigam construir e participar do processo educacional e estabelecer relações.

O estudo aconteceu na Escola Estadual Sátiro Dias, durante cinco meses, de fevereiro a junho de 2019, através de oficinas realizadas no turno oposto ao letivo, no vespertino. As oficinas abordaram temas do dia a dia desses adolescentes, como esportes, moda, filmes, séries, bullying, meios de comunicação, poesia, e com o uso de câmeras e celulares foram produzidos vídeos e fotos pelos próprios estudantes.

O contexto cotidiano de nossos estudantes é uma fase típica, cheia de descobertas, mudanças, inovações, fluidez, repleta de anseios e receios. É uma fase que, necessariamente, todos que irão ler este trabalho de conclusão de curso já devem ter passado ou estão passando - a

adolescência. Conhecida por um viés espirituoso, ou pelos próprios adolescentes que participaram deste projeto, como “aborrescência”, e, também, por muitos, como a “melhor fase da vida”, fazemos desse período uma coleção de momentos, sejam eles felizes ou tristes, que vão refletir em nossa vida adulta e, principalmente, na construção de nossas identidades. Foi a partir dessa vivência de comunicação em grupo que pudemos traçar o perfil desses adolescentes, e pudemos também partir do geral para o específico, ou melhor, da limitada interpretação da fase que vivem à personalidade rotulada – e comunicada - no jeito do cabelo.

Mas para falar de adolescência no mundo contemporâneo optei por um recorte que traz um parceiro muito íntimo dessa fase: a comunicação, que além de estar envolvida nos diálogos cotidianos chega muito forte com os novos meios utilizados excessivamente por essa geração, como por exemplo as redes sociais. Para completar esse cenário, digno de uma série da Netflix, escolhi a Educação como uma das personagens principais, e assim proponho uma análise da comunicação produzida por esses adolescentes, a partir de oficinas realizadas em um colégio público de Salvador - a Escola Estadual Sátiro Dias.

O tema gera discussões intrigantes. Ao falarmos de escola, seja em uma roda de amigos, na Universidade ou até mesmo com nossa família, as lembranças vão ser diferentes. Temos referências diferentes de escola: da época da palmatória, do reformatório, do ajoelhar-se no milho, do falar a tabuada, com métodos de ensino que passaram por diferentes transformações, acompanhando, por vezes, os cenários político e social. Por mais que muitas coisas tenham mudado - por exemplo, a forma de penalizar os estudantes - a Sátiro Dias ainda traz uma estrutura tradicional, com pouca abertura para o diálogo e para a comunicação com os adolescentes. Descaso, violência, falta de estrutura, falta de merenda, falta de professores - são algumas das lembranças que essa juventude vai ter como recordação: uma escola marginalizada, onde falta água e falta cuidado, falta carteira e falta apoio psicológico, falta professor e falta diálogo, são inúmeras faltas que vão além da falta que o professor marca na caderneta.

A ideia de compartilhar informações, desenvolver consciência crítica e discutir diversos temas a partir de reuniões informais vem desde 387 AC, com Platão, filósofo grego que proporcionava o estudo da filosofia e da matemática por meio de questionamentos, uma maneira muito diferente do que temos atualmente. No séc. 4 AC surgiram locais onde mestres ensinavam gramática, física, música e poesia. Mas as primeiras escolas do mundo, semelhantes aos

modelos que existem atualmente no Brasil, foram criadas no século XIX, e um ponto em comum dessas primeiras escolas é que a educação, na maioria das vezes, estava atrelada à religião. De acordo com dados retirados da Revista Super Interessante, no Brasil, a primeira escola surgiu em Salvador, em 1549, criada por jesuítas; anos mais tarde, em 1554, chegou a São Paulo, com o ensino da doutrina católica (FUJITA, 2008). Percebe-se hoje, portanto, as transformações pelas quais passou o modelo de escola ensino, tanto com um novo aceno pedagógico e metodológico quanto experimentando os benefícios das novas tecnologias que prometiam tornar mais prático e dinâmico o aprendizado nas escolas tradicionais.

Entretanto, se o ensino foi passando por mudanças, por diferentes modelos até chegar às escolas tradicionais, ao contrário de antigamente, as escolas não buscam desenvolver estudantes com capacidades críticas, analíticas e com conhecimentos em várias áreas, contemplando uma visão educacional holística. Vivenciamos, hoje, uma educação formal, inserida em um contexto que não cabe mais dentro da atual juventude, que não é única, são várias juventudes diferentes - comparando-se com a de ontem, já citada - que necessitam vivenciar contextos culturais e sociais distintos, com a tecnologia envolvida intensamente no cotidiano. Como constata Pais (1993), “a realidade demonstra, no entanto, que não há somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades”.

Não deixa de ser um desafio para as escolas marcadas por rigores tradicionais envolver estudantes contemporâneos no processo de aprendizagem mantendo modelos de educação de mais de 100 anos atrás. Uma das marcas desse modelo tradicional é a comunicação, por muitas vezes, autoritária e não-dialógica, fenômeno que afeta as formas de relação e de produção de conhecimento. Antagonicamente a isso, nosso projeto pretende desenvolver uma forma de atuar diretamente a fim de ampliar os processos de comunicação. Para isso, toma como referência a obra *Pedagogia: diálogo e conflito*, de Freire; Gadotti; Guimaraes para quem “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (1989 p.69)

É muito difícil sustentar um modelo educacional em que não exista uma interação entre aluno e professor, em que não exista a inserção de aparatos tecnológicos e, claro, uma abordagem de questões sociais que vêm surgindo diariamente nessa geração caracterizada com fluída, exatamente por sua forma de viver a vida, em constante processo de mudança. Os

reflexos desse modelo aplicado são a evasão escolar, o analfabetismo, a falta de capacitação de jovens que não conseguem terminar o ensino médio e ingressar nas Universidades e, em paralelo a isso, em alguns casos, adolescentes que ingressam no mundo das drogas ou da criminalidade.

O censo divulgado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), em 2018 revela que praticamente a cada duas escolas iniciais, que representam do 1º ao 6º ano, existe uma escola dos anos finais, do 7º ao 9º ano, que mostra que nem todos os estudantes conseguem dar continuidade ao ensino fundamental. Outro dado que chama atenção é o índice de distorção série/idade no ensino fundamental. Segundo dados do INEP, das escolas estaduais, em 2018, o 5º tem 14,7% e o 9º 23,3% de alunos que não estão nas séries que correspondem à idade atual. Ter essa porcentagem, exatamente nessas séries, nos faz levantar questionamentos sobre a qualidade do ensino que os estudantes têm desde o ensino básico até chegar ao fundamental, além de não sabermos ao certo quais seriam os principais fatores para esse fato, que podem ir desde uma repetência até à evasão escolar.

Vamos trazer a distorção série / idade em outro ponto deste memorial, em que ela aparece como uma medida afirmativa que, ao invés de solucionar o problema, o agrava. Ao comparar esses índices com a rede particular, temos, no 5º e 9º ano, as taxas percentuais de 5% e 6%, respectivamente, de distorção série/idade, um indício de desigualdade onde pode-se questionar, como causa, desde a qualidade do ensino à diferenciação sócio-econômica, como se nesse quadro operasse uma implícita divisão de classes. Quando o rapper Emicida, juntamente a Rael da Rima, diz, numa de suas músicas: “Quem costuma vir de onde eu sou, às vezes não tem motivos para seguir, então levanta e anda, vá...” parece dizer aos jovens de muitas escolas públicas que a competição é desigual, que haverá tropeços inevitáveis no caminho, porque, como aparece no documentário Nunca me Sonharam, de Cacau Rohden, “o pobre começa do subsolo e a outra parte do quinto andar, e ainda usa o elevador...”

Na conjuntura da escola pública persistem reclamações generalizadas e comuns aos quadros docentes, o que deixa professores insatisfeitos com as condições de trabalho que lhes são oferecidas, inclusive salários, e a situação rotineira de alunos que não querem estar ali, ocasionando inevitável impacto entre um grupo que não quer ensinar contra um grupo que não quer aprender, e a soma desses fatores não altera o produto: a realidade atual da educação pública no Brasil. Inalterada, porém, permanece a premissa de que a educação é a transferência

de conhecimentos, devem chegar até os alunos para que eles deixem de ser apenas assistentes passivos e possam criar uma postura dinâmica dentro de sua escola.

Compreendemos que não basta a mochila, o quadro-negro e o guarda-pó para termos uma escola implantada no mundo moderno. Nada obstante a didática, a metodologia e o cabedal de conteúdos, a comunicação cobre a pirâmide educacional da base ao topo, porque o principal veículo da educação é a palavra, célula máster da comunicação. E numa escola, comunicar é interagir, é transformar aluno e professor em duas espécies de tribuna, cada qual em seu papel mas ambos associados na interação, como sugere Mário Kaplún (1998, p. 99): “A eficácia da comunicação depende do comunicador, mas tanto dentro da escola quanto nos meios de comunicação, se não associarmos os dois nesse ato de comunicar, compartilhamos uma comunicação impositiva, autoritária e monológica, em que os meios não possibilitam uma reestruturação do sistema que já existe, em prol das diferenças sociais. Assistimos a uma mídia massiva, que monopoliza o conhecimento e tende a criar padrões para o cidadão viver em sociedade, relacionando-o aos bens materiais e aos estereótipos”. O Projeto Jovem curioso é uma experimentação, uma intervenção micro disposto a vasculhar problemas na comunicação intramuros escolares, antevendo o alcance da cidadania para jovens de realidades diversas, experiências distintas, mas carregadas de significados e desejos. E a comunicação é uma das formas de esses jovens e adolescentes expressarem seus sentidos, seus pensamentos e traduzirem suas realidades a partir das suas próprias formas de intervenção.

II - ESCOLA ESTADUAL SÁTIRO DIAS

Para descrever o papel da escola em 2019 deveríamos antes visitar meia dúzia de estabelecimentos e entender como as escolas funcionam, e a distância que existe entre teoria e prática. Ao acessar as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, podemos entender que de nada serve um bom planejamento se não for executado, e mais que entender é viver a realidade de uma educação decadente e seus efeitos nos 27,2 milhões de estudantes matriculados no ensino fundamental, em 2018.

A escola que será abordada neste projeto é a Escola Estadual Sátiro Dias, localizada na Rua Pará, considerado um local de classe média, que abriga prédios residenciais, comércios e restaurantes. O bairro é antigo, assim como a escola, que está ali há cerca de 50 anos, com

turmas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental. O local, que deveria ser ideal para os alunos estudarem apresenta, em sua estrutura física, uma fragilidade que reflete diretamente no ensino. Como veremos adiante, essa fragilidade nas instalações gerais, principalmente nas salas de aula, passando por outras dependências - muros riscados, janelas e portas quebradas, jardins inacabados, quadro que há algum tempo permanece, e a vida segue.



Figura 1- Área externa da Escola Estadual Sátiro Dias

Ao vivenciar um pouco da escola foi fácil perceber a divisão dos alunos por turno, divisão que é feita pela própria coordenação no ato da matrícula. No turno matutino estão concentrados, segundo ela, os “melhores” alunos, ou aqueles que a coordenação considera de comportamento regular, aceitável, ou simplesmente aqueles sobre os quais se tem controle; no turno vespertino, onde acontece o programa Tempo Juvenil (TJ), temos o intitulado “pior horário da escola”, com aqueles considerados os piores alunos, caracterizados por alguns professores como vândalos, marginais, que têm contato com o tráfico - são alunos mais velhos, que não estão necessariamente nas turmas correspondentes às suas idades. À noite, a escola é frequentada, em grande parte, por pessoas mais velhas, algumas adolescentes que engravidaram e estão retornando aos estudos, além de pessoas que trabalham durante o dia. Não pudemos avaliar se essa diferença dada aos diferentes turnos vai refletir diretamente na qualidade do ensino que cada professor aplica em sala de aula, mas apuramos que reflete na distribuição da merenda, que, quando não há verba suficiente, sempre falta nos turnos da tarde e da noite, e também nos poucos projetos que são realizados (somente dois por ano) e na distribuição de livros e

uniformes, que também falta muitas vezes. Até mesmo os professores mais antigos não ministram aulas no horário vespertino, os assuntos são mais rápidos e eles justificam que “não dá tempo de dar tudo”; e o relógio da escola infelizmente não acompanha o da vida real, que exige cada vez mais dos estudantes em uma realidade desigual.

Com cerca de 1400 alunos, a escola hoje vive um momento crítico em relação ao descaso e abandono, que abrange sua estrutura física, pedagógica, até o desempenho de alunos e professores. A Sátiro Dias já foi cenário de apresentações de dança, oficinas, recitais de poesias, projetos como o Mais Educação, e serviu de passagem para muitos alunos que concluíram o ensino fundamental seguirem para o ensino médio, e atualmente exercem suas profissões. No turno vespertino, as turmas do Tempo Juvenil, que reúne alunos repetentes e que cursam dois anos em apenas um, hoje ocupam seis salas, do total de 14. Conhecer o TJ, para mim, foi uma surpresa, e sobre ele diz a Secretária da Educação:

Proposta educacional para a educação básica, nível fundamental como uma referência para a efetivação de uma “política própria para o atendimento dos estudantes adolescentes de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos, garantindo a utilização de mecanismos específicos para esse tipo de alunado que considerem suas potencialidades, necessidades, expectativas em relação à vida, às culturas juvenis e ao mundo do trabalho.

Para a Escola Sátiro Dias, o Tempo Juvenil vai muito além de um programa para “diminuir a defasagem série-idade”, em que estudantes podem concluir duas séries em um único ano. Como traz sua proposta pedagógica, ele virou uma escolha para centenas de alunos que não querem frequentar a escola passar de ano, ou simplesmente, para aqueles que, como dizem alguns professores, “não querem nada e não vão para lugar algum”.

Atualmente, o índice de distorção de série/ idade no 9º da escola, segundo o site QEdu, é de 45%, com uma média do 6º ao 9º de 49%. É perceptível que o programa não é utilizado para os fins a que foi feito, servindo até de “estímulo” para certos alunos que, por muitas vezes, perdem de ano porque sabem que podem cursar o TJ e regularizar o histórico escolar de uma maneira muito mais fácil. Saber que uma escola tem quase metade de turmas de TJ do que as turmas que seguem a linearidade de ensino é menos surpreendente do que ouvir um professor

em sala de aula, no turno da manhã, ameaçar um aluno de transferi-lo para tarde, onde só estudam “marginais e alunos sem jeito”, como dizem alguns. E assim segue o programa que visa a eliminar a defasagem entre série-idade, mas hoje só mascara os índices de evasão escolar e repetência.

A Sático Dias também está, segundo a diretora Ivana Bastos - no cargo desde 2013 -, lutando contra uma possível indicação do Governo Estadual para fechar o local, com base no Artigo 10 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/1996, que assegura a responsabilidade do ensino fundamental ao Município. Esta situação, segundo a diretora, estaria complicando o funcionamento normal da escola, causando problemas como atraso no repasse do dinheiro da merenda e na matrícula dos alunos no início do ano. Mesmo recebendo alunos de outras escolas, a Sático Dias teve, este ano, limite menor de matrículas do que no ano passado. No início de 2019, aproximadamente 108 escolas foram fechadas na capital e no interior, provocando um cenário desfavorável para a educação do ensino fundamental na Bahia e a migração de diversos alunos para escolas que não possuem estrutura suficiente para abrigar essa demanda.

A escolha de uma escola pública para realizar meu trabalho de conclusão de curso é baseada na visível desigualdade social que vivenciei ao ter conhecido a Escola Sático Dias, frequentada por alunos, em sua maioria, oriundos de um bairro popular, o Nordeste de Amaralina. Esse contraste reflete diretamente nos jovens e em suas escolhas para o mundo das drogas, da violência, o que muitas vezes acontece por diversos fatores, como a falta de uma educação de qualidade, de um ambiente comunitário saudável e de um meio familiar bem estruturado – tudo isso reforçado por uma condição financeira adversa. De acordo com dados de uma pesquisa feita pelo Observatório de Favelas, no Rio de Janeiro, divulgada no site Rede Brasil Atual, a faixa etária em que os jovens começam a entrar no tráfico de drogas é entre 13 e 15 anos, faixa que predomina na Sático Dias. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas aumentou de 4.245, em 1996, para 26.450 em 2016. Ainda falando de números, apenas 24% dos 43.111 alunos das escolas estaduais da Bahia que fizeram a Prova Brasil aprenderam o adequado em relação à leitura e interpretação de texto, contando até o nono ano da rede pública, segundo o site QEdu. Isso significa que somente 10.500 estudantes do ensino fundamental da Bahia, em 2018, tiveram um aprendizado adequado, um resultado significativo e preocupante.

Nas oficinas realizadas com os adolescentes da Escola Estadual Sátilo Dias, por muitas vezes levantamos a questão “o que é ser alguém na vida?”, justamente para avaliar como cada um daqueles jovens se projetam para o futuro. Alguns não souberam responder e outros revelaram opiniões distintas, a exemplo de entrar na faculdade, trabalhar e ter filhos, ou trabalhar para conseguir dar uma vida digna para sua família, como se seu mundo objetivo não comportasse qualquer rebeldia para mudar a realidade em que vivem, porque a maioria dos depoimentos exclui o estudo, a capacitação para vãos maiores. Ao associarmos o papel da escola a esse processo, muitos não souberam responder como a escola pode ajudá-los; ao falar da trajetória que é feita da escola para a faculdade, e posteriormente para o mercado de trabalho, muitos deles, ou quase todos, olharam essa hipótese com estranheza, como algo distante e inatingível. Com base nessas colocações tão afins, concluo pela ausência de uma postura orientadora dos professores, capaz de gerar estímulos e lançar desafios, o que, certamente, não produziria tamanha homogeneidade nas perspectivas de um grupo tão definido.



Figura 2- Emille, Anderson e Mateus, Projeto Jovem Curioso

Dos 28 alunos que participaram das oficinas realizadas, nenhum sabia quais eram os direitos deles perante a Rede Pública de ensino, somente 3 conheciam a Universidade Federal da Bahia, mas nenhum deles sabia o que eram as cotas, por que e para que elas existiam. Quando argumentávamos sobre a escola ideal, predominava a ideia de mudar a estrutura da escola, apesar de sempre apresentarem relatos nos quais alguns professores gritam, brigam, não têm paciência para ensinar, explicar, parecendo que essa situação tornou-se tão natural que eles não arriscaram indicar soluções para melhorar a comunicação aluno/professor. É como se fosse um “acordo” entre eles: alunos que não prestam atenção e professores que não dão aulas: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os

conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” FREIRE (1996, p. 25). E eu arrisco afirmar que à simples técnica da docência deve aliar-se o fundamento científico da Educomunicação, que transpõe as fronteiras do aprendizado formal para estender novos horizontes ao aprendiz, transformando-o num agente tanto passivo quanto ativo a partir de uma visão holística sobre a classe que escuta.

Escolher a escola pública para realizar a intervenção em educomunicação foi como mergulhar em um mar de oportunidades. Elas contam com adolescentes criativos que não têm, quase nunca - ou nunca - uma oportunidade de se expressar, de falar o que pensam e, mais do que isso, de serem ouvidos. É possibilitar o acesso ao novo e ao mesmo tempo àquilo que já existe dentro de cada adolescente, mas que não é ouvido, e aí permanece escondido em uma realidade que envolve drogas, famílias desestruturadas, falta de estudo e de conhecimento.

Criar um novo sistema comunicativo entre os adolescentes, a escola, o mundo e a família é como plantar uma semente que qualquer dia vai germinar e mudar as condições em que se encaixa a maioria dos jovens que estudam na rede pública de ensino – arriscando opinar que há uma afinidade estrutural da Sátilio Dias com a maioria das escolas públicas. Meu projeto vai além de um trabalho de conclusão de curso e de um tema escolhido aleatoriamente.

1.2 NOSSAS JUVENTUDES

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), até 12 anos de idade incompletos a pessoa é considerada criança, enquanto a fase que caracteriza a adolescência acontece entre a faixa etária de 12 a 18 anos. No entendimento de Daniel J. Levinson (1920/1994), psicólogo americano, a fase adulta é marcada por um período de estabilidade e transição, porém, antes de chegar esse momento, vivem-se longos anos, que para muitos chegam a ser intermináveis. Estamos falando de uma fase que marca a vida dos adolescentes, seja na caneta, na farda no último dia de aula ou nas cicatrizes, que seguem na maior idade. E é assim que muitos classificam - “é só uma fase, vai passar” - esse turbilhão de ideias, mudanças, vivências, opiniões que tomam conta de adolescentes em qualquer lugar do mundo, mas que mesmo passando costumam deixar rastros que não podemos apagar. No início do documentário Nunca me Sonharam, com roteiro de Cacau Rhoden, André Finotti e Tetê Cartaxo, o psicanalista Christian Dunker associa a adolescência a uma espécie de tempestade e trovão que desencadeia

um raio e provoca uma conexão entre dois mundos, e é exatamente o que a adolescência representa: a conexão entre o mundo real e o mundo imaginário.

Viver a adolescência sempre foi um dos dilemas mais difíceis dos ensinamentos fundamental e médio. Lidar com sentimentos que mudam a cada instante, inseguranças que nunca deixam de existir e a necessidade de encontrar um lugar no mundo, de criar uma identidade, são sentimentos que ficam vivos durante toda a juventude. Posso falar com propriedade, pois há pouco deixei essa fase que, na contemporaneidade, parece não ter idade de começo, meio e fim. Como traz a abordagem: “As Nações Unidas definem “juventude” como pessoas entre as idades de 15 e 24 anos. No entanto, sabemos que a experiência de ser jovem pode variar enormemente em todo o mundo, e que “juventude” é, muitas vezes, uma categoria fluida e mutável. “(UNESCO). Essa experiência tem variado de uma forma tão intensa que hoje o termo juventudes é utilizado no plural, ou seja, juventudes, não podemos mais generalizar nem especificar uma só definição de quão ampla é a esfera que engloba essa geração. E mais:

Assim, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção esta na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. Por essa linha, torna-se cada vez mais corriqueiro o emprego do termo “juventudes”, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas sim de apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria (Pais 1993, apud ESTEVES e ABRAMOVAY, 2004, p. 4).

Falar de juventudes é entender que vivemos em conjunturas diferentes, que envolve diferenças sociais, culturais e regionais. É claro que um adolescente que mora em São Paulo vai ter uma juventude diferente da do jovem que mora em Salvador, apesar de existirem pontos em comum entre todos os elos, mas a experiência de vida que cada um tem em relação ao meio em que vive e sua condição social e econômica vão reverberar na maneira como ele vai passar por essa fase.

Deste modo, quando nos referimos a jovens estudantes, a jovens trabalhadores, a jovens em contexto urbano ou a jovens em contexto rural, percebemos que existem diferentes sentidos atribuídos à juventude. Reportamo-nos, assim, a diferentes juventudes, ou então, reconhecemos

simplesmente a existência das diferentes culturas juvenis. (DOUTOR, 2016, p. 161)

Essas diferenças entre as culturas juvenis nos fazem entender que os jovens da contemporaneidade não estão, necessariamente, identificando-se com as culturas preexistentes impostas pela sociedade. Além de que, cada adolescente tem um repertório diferente e uma experiência de vida, o que o faz reagir diferentemente do outro em situações do nosso cotidiano. A diferença do contexto em que esses adolescentes vivem hoje é reflexo de uma desigualdade social e econômica, que pode levar a caminhos extremos, que vão desde entrar no mercado de trabalho ao mundo das drogas.

Abordar a juventude de um adolescente branco, que estuda na rede particular, é totalmente diferente de abordar a realidade de um adolescente negro que estuda numa escola pública. O contraste começa não somente com a raça, mas com os efeitos que, ser ou não dessa raça têm hoje na sociedade, além do acesso a um ensino público precário, que não prepara estudantes nem para o Enem e muito menos para enfrentar problemas naturais de sua idade.

Ao fazermos um recorte desses dois cenários, pudemos constatar que “são personagens que têm de se garantir diante da sociedade para ter um protagonismo da sua própria vida” (ROSSONI, 2019). A adolescência de um jovem negro, estudante de escola pública, é definida por demarcações sociais que acabam colocando-o em um lugar de “minorias”, de vulnerabilidade, de medo e, pela própria sociedade, de risco para o próximo. Esses jovens são aqueles que entram para as estatísticas das fundações de acolhimento a menores ou até mesmo para os centros de reabilitação de usuários de drogas. São os jovens que precisam de uma melhoria no ensino, de ações afirmativas como as cotas, mas que a sociedade insiste em dizer que a meritocracia é suficiente; são jovens inteligentes, capazes, determinados, que acabam sendo apontados como das classes D e E e que recebem um ensino defasado, uma saúde que mal funciona, vinda de um governo que pouco auxilia e que, assim, acabam acreditando naquilo que todos dizem deles. É impressionante que, mesmo com os constantes avanços científicos e tecnológicos que têm caracterizado o século em que vivemos, ainda parecem poucos seus reflexos que contemplem uma consequente igualdade que permita associá-la a um contexto de modernidade. Vemos que a posição social ainda diz mais sobre quem somos do que nossa formação pessoal, e isso faz com que esses jovens se vejam inseridos em uma posição inferior ao restante da sociedade, e o

pior: a educação não é direcionada para incentivar neles um crescimento pessoal e profissional, a fim de disporem de ferramentas que lhes proporcionem melhores condições de vida.

Durante as oficinas e as leituras feitas para este projeto, foi possível constatar que a função da escola para os adolescentes da rede pública é ineficaz tanto pedagógica quanto culturalmente. Os estudantes do projeto, por exemplo, relataram não saber por que estão na escola, alguns me respondendo “porque minha mãe me obriga”, ou “porque todo mundo vai”, ou “para não ter de arrumar a casa”. Jamais lhes disseram que a escola pode representar um ritual de passagem para uma ascensão social e profissional, para o crescimento deles enquanto cidadãos e cidadãs. Verificamos que muitos desses adolescentes, ao concluir o ensino fundamental, vão fazer algum curso técnico ou começar a trabalhar, com alunos dizendo preferir trabalhar embalando sacolas no mercado, ou numa pizzaria, para ganhar R\$1000,00, porque isso “atenderia a todas as minhas necessidades” (sic).



Figura 3- David, Luís Felipe e Wesley Gabriel, Projeto Jovem Curioso

Cada um pode saber das necessidades e objetivos que possui, mas essa questão vai além de objetivo de vida. Estamos falando de jovens que parecem satisfeitos – ou resignados - com a posição social que ocupam no âmbito estreito das comunidades onde vivem, e a educação que recebem na escola em questão, como também a que recebem em casa, não os encaminha para mudar essa realidade. Infelizmente, encontramos em todos eles uma dissimulada desistência de poder mudar a realidade de sua família e da maioria das pessoas que estão a seu redor através da educação, seja por medo de não conseguirem chegar lá ou por não acreditarem que é possível estar em uma configuração social diferente.

Ao ponderar essas questões com adolescentes da rede privada, onde estudei durante toda minha vida de colegial, percebo um roteiro que é traçado desde o primário até o ensino fundamental, onde a escola exerce o papel de ponte para o mercado de trabalho e para a afirmação de uma estratificação social. Estar na escola, para os adolescentes da rede privada, em sua maioria, é uma obrigação e uma representação social do lugar que eles ocupam na sociedade, visto que, em sua posição, seria inaceitável não estar seguindo um curso linear, um absurdo não entrar na universidade e um descaso não começar a trabalhar. A maioria desses adolescentes não veem o subemprego como uma opção para “ser alguém na vida”, a posse de um diploma é, até então, a contemplação de uma classe que segue uma programação de vida, com início, meio e fim: estudar, entrar na faculdade e formar uma família, a partir de uma imposição da sociedade que estipula modelos de afirmação social que distancia repetidamente a prática da democracia.

Em meio a todas essas distinções, vamos destacar alguns pontos que atingem os jovens que vivem em situações de vulnerabilidade social, expostos ao mundo das drogas e da violência. São diferenças sociais que interferem diretamente no comportamento e no desenvolvimento desses adolescentes, que acabam sendo divididos por classes. Para o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância):

Dos adolescentes que morrem no país, 36,5% são assassinados. Na população total, esse percentual é de 4,8% (Índice de Homicídios na Adolescência no Brasil, 2015). Esse cenário perturbador coloca o Brasil em segundo lugar no ranking dos países com maior número de assassinatos de meninos e meninas de até 19 anos, atrás apenas da Nigéria (HIDDEN IN PLAIN SIGHT, UNICEF, 2014).

Infelizmente essa é uma realidade que nos faz pensar: quem são esses jovens? Seria muita hipocrisia trabalhar somente com dados, como realmente alguns órgãos fazem, e fechar os olhos para a vida real, que está bem longe das propostas políticas e pedagógicas, a maioria inexecutável, prometidas por gregos e troianos, pois tudo parece terminar – ou continuar – numa comunicação autoritária e impositiva camufladas em dados aos quais o Estado tem acesso.

A realidade, que muitos não querem ver, é a de que jovens negros, que moram em periferias, são os que mais sofrem com a violência urbana. Ao iniciar um curso de enfermagem, anteriormente, tive a possibilidade de entrar no IML (Instituto Médico Legal) para observar a dissecação de um corpo, ou seja, estudar a anatomia humana na prática, e pude constatar que

90% das pessoas que estavam naquelas macas, jogadas ao chão, eram jovens e negros, e aí fica a pergunta: como cuidamos dos jovens de nosso país? Apesar de o Brasil ter umas das legislações mais avançadas do mundo em relação às medidas que protegem crianças e adolescentes, compartilhamos números que mostram a realidade de pessoas que vivem sem segurança, sem perspectivas e sem saber qual caminho seguir.

De acordo com dados retirados do site do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 2016, o Brasil possuía 206,1 milhões de pessoas, sendo 57,6 milhões menores de 18 anos de idade, e mais da metade afrodescendentes. A partir de dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica, publicados em 2018 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), podemos constatar que o Brasil possui 2,5 milhões de crianças e jovens fora da escola. De cada 100 estudantes que ingressam na rede de ensino, 76 concluem o ensino fundamental 2, aos 16 anos, números que estão muito longe da meta traçada pelo governo, números que revelam uma educação que não é base para a construção de uma sociedade, que hoje possui uma estrutura frágil e que pode desmoronar a qualquer momento.

Estamos falando de crianças e adolescentes que vão ser o futuro de uma nação, mesmo que, às vezes, elas nem saibam o que é um futuro, e se sabem não têm, ideia de como chegar a ele. A maioria desses jovens estão nas favelas, nas ruas, em abrigos, vivendo sem saber o quê fazer, trilhando caminhos que muitas vezes não têm volta, e aí chegam às drogas, à violência e ao fim quase sempre trágico. De acordo com números já publicados, “a taxa de homicídio entre adolescentes negros é quase quatro vezes maior do que a taxa entre os brancos: 36,9 a cada 100 mil habitantes, contra 9,6 entre os brancos” (DATASUS, 2013.). São juventudes que vêm no plural, com cores diferentes e com poucas soluções, circunstâncias em que deveriam ser levadas em conta muito menos o rosa e o azul do que o negro e o branco, que desde que carregavam nos punhos correntes em lugar das fitinhas do Senhor do Bonfim, vivem uma segregação racial.

Um ponto que reforça essa situação encontramos nos meios de comunicação, que expõem os adolescentes a uma “estetização da violência”, e que, de acordo com o livro *Culturas Juvenis no séc. XXI*, “são fenômenos e representações fundadas no cruzamento com fluxos globais, característicos das sociedades midiáticas e discursivas” e têm influência na “vivência juvenil e na produção de percepção de si, quanto na elaboração de estratégias de reconhecimento ou recusa”. (2008, p.115).

Os meios de comunicação, no momento atual, alimentam uma exposição da violência em diferentes sentidos, seja através de uma mera reportagem ou simplesmente na indução de uma violência naturalizada em situações do cotidiano, como se conviver com atos violentos fosse algo normal e rotineiro. Os programas televisivos, com a reprodução de imagens fortes e contundentes, inspiram a perda de respeito em relação ao próximo, reforçando a ideia de que vivemos em um lugar sem limites, sem leis. Até as imagens expostas através de câmeras de segurança dão a ideia de que vivemos em uma realidade virtual, que chega a ser difícil de separar o que é a “violência real da violência representada”.

Deveria ser fora do comum observar os alunos falando com naturalidade de situações com arma de fogo, e ainda pior, colocando as pessoas que participam disso em um lugar de “vantagem”, como se fossem super-heróis, onde o mal se mistura com o bem. Mas a comunicação e a vivência dessa realidade pode despontar antes mesmo de chegar aos programas sensacionalistas: dentro de casa, em casos de violência doméstica, de alcoolismo, de tráfico de droga que mais tarde se estende ao ambiente em que se vive, com disputa entre policiais e traficantes, com amigos que começam a roubar, e enfim chegam à escola, o que proporciona uma grande disputa de poder e de fortalecimento de sua identidade.

1.3 JUVENTUDES E COMUNICAÇÃO

Na contemporaneidade, os meios de comunicação oferecem a esses adolescentes, a todo momento, diversas ferramentas para eles trabalharem a arquitetura de suas identidades, num perigoso incentivo a um “culto da sensação multiplicada” que “re glorifica a extravagância, a aventura e o experimentalismo”, (BAUDELAIRE, apud PAIS, 2006, p.8). As redes sociais, a televisão e outros meios com os quais a atual juventude tem contato fazem diminuir, mesmo que seja virtualmente, a distância entre os sonhos e as realidades. Os adolescentes conseguem “viajar”, mudar a aparência física, alimentar um desejo de viver uma vida que não condiz com sua realidade, e isso apenas com alguns cliques do perfil no Instagram.

Em nossos dias, os signos atribuídos à juventude tendem a se constituir numa estética, cujo espectro engloba, dentre diversos outros aspectos, artefatos e costumes relacionados ao corpo, à indumentária e ao comportamento. A reificação desse ideal estético - que nas sociedades de consumo se apresenta como paradigma de tudo o que é, desejável - viabiliza a comercialização de vários dos atributos associados à juventude na forma de mercadorias,

intervindo no mercado do desejo como veículo de distinção e de legitimidade.(PAES,1993 apud MARGULIS, URRESTI, 1996)

A comunicação durante o período da adolescência pode ser vista através de dois vieses: primeiro, que os adolescentes, em sua maioria, têm dificuldade de se comunicar com os adultos, de se expressar, de falar para os pais, os professores, as coisas que sentem, que os magoam e acabam ficando, em alguns casos, introspectivos. Por outro lado, é através da comunicação, sendo mais específico das redes sociais, que esses jovens conseguem chegar ao mundo através de fotos, textos ou músicas, e assim podemos entender um pouquinho do que cada um sente e espera do mundo.

Para a UNICEF, “os jovens buscam outro lugar para se expressar que não encontram na escola”, o que fortalece a ideia de que as redes sociais oferecem um lugar em que o jovem se sente acolhido, diferentemente da escola, onde ele exerce um papel de coadjuvantes e não de ator principal. Nas redes sociais, os adolescentes conseguem compartilhar o que sentem, pensamentos que acham “legal”, e o ponto mais importante: eles não precisam ser quem realmente são, às vezes se desnudam de sua verdadeira identidade para assumir a do herói que gostariam de ser, simulando, como ator de um gênero romanesco, uma outra personalidade nos corredores de um sonho irrealizável.

Os lugares que as juventudes da contemporaneidade buscam para comunicar-se estão cada vez mais voltados para as tecnologias, por motivos que às vezes não nos parece tão óbvios. Por exemplo, Salvador atualmente possui uma estrutura física caracterizada por ser um “mar de concreto”, ou seja, os espaços de convivência que esses adolescentes teriam para interagir foram transformados em ruas, túneis, ou pior - em praças, em que o espaço do sol a pino e a falta de bancos tomam metade da estrutura, e o tráfico de drogas e a violência tomam a outra metade. A escola também não possibilita essa interação, tirando a hora do intervalo que, segundo eles, é o momento mais divertido do dia. Ainda assim, as juventudes hoje encontram dificuldades para encontrar espaços nos quais possam interagir. Pontualmente, as juventudes menos favorecidas sofrem mais com essas limitações. Nos bairros onde moram, ou seja, nas favelas, hoje chamadas de comunidades, as ruas são dominadas pelo tráfico de droga, os pais não permitem que os filhos saiam para conversar, para interagir com os outros adolescentes, e é nesse momento que as redes sociais ganham a prioridade nessa fase de transição para a vida

É claro que não podemos negar que o Brasil vive uma revolução tecnológica e que o acesso aos novos meios de comunicação seria inevitável. Quando falamos de redes sociais, temos inúmeras opções com seus incontáveis acessos diários: Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, ferramentas que mudaram o comportamento de uma geração de uma maneira abrangente. As possibilidades que esses meios oferecem não só permitem que os usuários consigam criar canais de interação, mas envolvem uma indústria de consumo que atinge diretamente o comportamento desses adolescentes, com suas mensagens que induzem à “necessidade de consumo”, o que antes só eram vistas nas televisões, outdoors ou vitrines de shoppings. Podemos associar essas “necessidades” à construção da identidade, que hoje, está muito mais ligada ao ter do que ao ser.

“Os investimentos na imagem corporal contribuem para a construção da identidade dos jovens, conferem-lhe uma expressão simbólica de poder, uma vez que se diferenciam entre si através de atributos distintivos. Os jovens não são só possuidores de um corpo como eles próprios são um corpo, e por isso o simbolizam quando o vestem”. (PAIS, 2006, p. 19)

A construção de identidade dos jovens, nos tempos atuais, está muito mais voltada para os símbolos que se revelam através dos estereótipos do que para suas personalidades, e o corpo é uma dessas ferramentas que eles utilizam para se expressar e tentar encontrar seu lugar no mundo. A moda é um desses agentes que fortalecem a formação de estereótipos, que passam a ter a função de representar esses adolescentes perante a sociedade, cada um com estilo singular, criando um perfil e construindo uma imagem para o meio em que vivem. Nesse contexto, o capitalismo exerce o papel de influenciador desses adolescentes, expondo tendências e estilos que servem como uma “medida afirmativa”, para que esses jovens se sintam seguros em suas relações sociais. Mas a influência do capitalismo vai muito além de orientar sobre as vestimentas durante a estação do ano, ela atua como uma das personagens principais na construção dessa identidade, e aí o jovem de quem tratamos aqui acaba procurando suas referências não mais nos adultos de sua família, mas em ídolos e famosos que vivem uma vida que eles consideram ideal.

O mundo capitalista, gerenciado por um mercado de consumo, cria uma ilusão de modelos de vida que aparentam ser perfeitos, que criam um desejo de pertencimento em quem o assiste, como um comercial de “margarina”, que sustenta a ideia de felicidade relacionada ao que você tem e onde você está. Para essas juventudes, o diálogo começa com o tênis que usam, com a

forma em que deixam o cabelo, com as roupas que vestem, os acessórios que utilizam e quantos seguidores têm nas redes sociais!...

A formação do adolescente acontece com interferência do meio em que vive, sendo a escola e a família grandes responsáveis por impactar nessa fase. Porém, as amizades também têm um poder muito forte na construção da personalidade do próximo, e hoje esse ciclo de amigos está sendo restrito cada vez mais ao mundo cibernético. Como Borelli (2008) comenta em seu texto, estar muito tempo conectado ao celular e construir suas relações de amizade através dele também é uma forma de construção de identidade. Para os jovens ficou mais “fácil” falar através do WhatsApp, ou quando está triste colocar uma música ou uma frase, mandar gifs e emoticons que expressem o que estão sentindo, do que ter que falar diretamente de si.

O consumo, segundo Bourdieu, *apud* Silva, (2008, p. 314), mais do que meramente expressar, estabelece relações entre grupos sociais. “Os indivíduos são motivados pela necessidade de reproduzir um padrão coletivo de referências, baseados em demarcações de classes”. Para construir suas identidades, os jovens, ou as juventudes, utilizam o meio em que vivem, as pessoas com as quais se identificam e os ideais que eles esperam realizar no futuro. Na cabeça de um adolescente é mais fácil construir uma identidade a partir de algo que já existe e que ele reconheça alguma semelhança com seus propósitos, do que “arriscar” algo correndo o risco de ser excluído ou ficar de fora dos padrões impostos pela sociedade. Os jovens constroem sua identidade a partir da estética, do seu corpo, de suas vestimentas, uma maneira que ele encontra de se comunicar, de se expressar através da moda, porque existe uma expressividade, um posicionamento no mundo e do local no qual esse jovem quer ser visto.

A identidade de alguém é ‘aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte’. Ora, a identidade humana não nos é dada ao nascer, mas constrói-se na infância e deve reconstruir-se, posteriormente, ao longo da vida. Desta maneira, a identidade é, sem sombra de dúvidas, um produto de consecutivas socializações. (DUBAR *apud* DOUTOR, 2016, p.165)

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a fase que caracteriza a adolescência é um período marcado por mudanças comportamentais, seja no modo de pensar, agir, falar e mudanças biológicas, responsáveis por interferir no corpo e na estética desses adolescentes. Essa fase de transição é carregada de descobertas, mudanças, os jovens passam

por uma espécie de “construção social” em que a ideia de pertencimento ao grupo, a afirmação da identidade ou a própria construção dela vem aflorar nas relações interpessoais.

Já falamos anteriormente sobre a construção de identidade dessas juventudes, que vivem um processo de transição para a fase adulta, momento em que vão ser perceptíveis as consequências da adolescência. É extremamente importante que nessa fase de transição os jovens consigam afirmar seu lugar no mundo, fortalecer sua identidade e tomar a frente de sua vida com o papel de protagonista. A ideia da Educomunicação, que veremos com mais detalhes no segundo capítulo deste memorial, fortalece a imagem e representação desse jovem na sociedade a partir do momento em que ele ganha seu espaço de fala, que ele consegue criar vínculos comunicativos com o meio em que vive, seja ele a família ou uma rede de amigos. Entender os jovens nada mais é que ouvi-los, permitir que eles consigam externalizar exatamente o que sentem e o que são, mesmo que eles ainda não saibam exatamente qual é seu lugar no mundo, sendo necessário criar o hábito de escutar o que eles têm a dizer.

A despeito do imaginário social construído em torno da valorização de ideais estéticos associados às populações mais jovens, a sociedade, até hoje, tem uma enorme dificuldade em conceber o jovem com sujeito de identidade própria, oscilando entre considerá-lo adulto para algumas exigências e infantilizá-lo em outras tantas circunstâncias (ESTEVEZ, ABRAMOVAY, 2008, p.5)

A cobrança em relação aos adolescentes, por parte da escola, da família e da própria sociedade, é muito grande, pois eles precisam saber quem são perante o mundo e responder às expectativas que o meio coloca sobre eles. Os jovens nem sempre têm um espaço para dialogar com as pessoas que estão a seu redor, nem sempre são interpretados diante da infinidade de sentimentos que estão vivendo, somente por seus deveres. A adolescência tem várias características, como a irresponsabilidade, o descaso, a preguiça e a inconstância. Podemos constatar:

Muitos estudos sociológicos ‘apontam como principais problemas da juventude a delinquência, o abuso de drogas e álcool, associando assim o conceito de juventude à noção de irresponsabilidade e de problema social’. Aliás, a verdade é que juventude e problemas sociais passam a ser duas expressões indissociáveis e integrantes dos discursos científicos, políticos e do senso comum. (DOUTOR, 2016, p.162)

No capítulo 2, Art. 16, do Estatuto da Criança e do Adolescente, consta que o adolescente tem direito à liberdade, que compreende determinados aspectos: - opinião e expressão, brincar, praticar esportes e divertir-se, participar da vida familiar e comunitária sem discriminação, buscar refúgio, auxílio e orientação. Mas se formos analisar com mais afinco a vivência dessa fase, esses itens são exatamente o que mais interfere na vida desses jovens, principalmente quando esse direito não é proporcionado pelos governantes e pela família. Um trecho do livro *Culturas Jovens* retrata bem os pontos que trouxemos sobre a juventude:

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para retomar tempos depois; encontram um emprego e em qualquer momento se veem sem ele; suas paixões são como “voos de borboleta” sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para a vida toda...São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. Como se os jovens fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios (PAIS, 2006, p.8)

2. EDUCOMUNICAÇÃO

Se formos conceituar a comunicação em sua total amplitude, podemos arriscar dizer que ela está tão presente em nossas vidas quanto o oxigênio que abastece nossas narinas. Ou também afirmar que tudo começa na comunicação da placenta com o feto, no primeiro molhar sobre o mundo exterior, no primeiro reconhecimento de pele ao aconchego da mãe. Num passo gigantesco, a Lua comunica-se com a terra (ARMSTRONG, 1969), o telefone, o fax e o computador aposentam o telégrafo, os fundamentos científicos da comunicação aprimoram-se, mas, infelizmente, a tecnologia adiantou os passos na caminhada com o elemento humano. E a escola pública, pelos exemplos que vivenciei, pode ser um subproduto de um processo de estagnação.

A partir de minha experiência na Sátiro Dias pude constatar como a comunicação acontece entre os adolescentes, como eles se relacionam tanto com o meio em que vivem quanto com a família, os amigos, a sociedade. Ao falarmos de comunicação neste memorial partimos da análise que tenta desconstruir uma forma uniformizada de levar a informação até as pessoas, um mesmo modo de reproduzir “representações sociais coletivas e massificação das aspirações e das mentalidades como forma de controle e opinião pública” (SOARES, 2011 p. 15). É realidade que essa massificação, atualmente, busca, muitas vezes, não apenas o controle da opinião pública, como também forjar uma realidade inexistente ou agredir um status quo político, uma espécie de violentação via comunicação hoje conhecida como *fake news*. A comunicação via imprensa, hoje, parece ter perdido a vanguarda para as redes sociais, que, pelo seu imediatismo e sua natureza de livre tribuna da informática, tem influenciado a opinião pública, em seus diversos setores, e até mesmo abastecido com revelações e informações de pauta a imprensa tradicional.

Vivemos em um meio em que somos induzidos, a todo momento e através de pequenas coisas, a pensar de uma única forma, seja através de propagandas, novelas, outdoor, filmes, redes sociais, e assim somos conduzidos a um modelo ideal de ser, de estar, de permanecer e ficar. Em contrapartida a isso, vamos utilizar neste trabalho o conceito de Educomunicação, que problematiza um outro papel da comunicação, relacionando-a à educação. Para Soares, a Educomunicação é o

Conjunto das ações voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e

criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES,2003, p. 22).

A experiência com Educomunicação possibilita aos adolescentes criarem formas de comunicação dentro da escola, realizadas através de diferentes canais de comunicação que permitem aos estudantes se expressarem, seja através de oficinas de rádio ou das plataformas digitais. O jovem atua como protagonista desse projeto e seu desenvolvimento amplia as relações com outros estudantes, professores, funcionários e a comunidade em que vive. Nos projetos Educomunicativos, como relata o jornalista Fernando Rossetti, “os jovens ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamento de projetos.” (SOARES, 2011, p.31)

O conceito utilizado como base para desenvolver a fundamentação teórica deste projeto, Educomunicação, busca construir um diálogo entre educação e comunicação, proporcionando, desta forma, a renovação e a criação de práticas sociais. Além de servir como inspiração para a construção da ideia principal do memorial, a proposta da Educomunicação viabilizou o planejamento de atividades que foram colocadas em prática, como a realização de oficinas, a construção de um canal no Youtube e um perfil no Instagram. Foi elaborado um estudo sobre conceito, aplicação da ideia citada, como foi construído esse termo e os diferentes caminhos que podemos utilizar para interligar educação e comunicação.

A palavra Educomunicação surgiu na década de 70, na América Latina, no momento em que um grupo de pessoas que lutaram e defenderam suas causas, como o meio ambiente e o tratamento dos povos indígenas, passaram a utilizar os meios de comunicação para atingir grande parte da população. E foi assim que elas encontraram, através do rádio, da televisão e do outdoor, uma forma de proteger os “propósitos” em que acreditavam. A comunicação passa a ter uma outra utilidade quando deixa de ser somente ferramenta para publicidade ou indústria cultural e passa a estabelecer uma relação com a educação.

Um pouco mais à frente, já na década de 80, a ideia de Educomunicação vem à tona novamente, na Europa, através do termo “*Media Education*”, utilizada por diversos pesquisadores da área, para descrever a ideia de uma educação voltada para a construção de uma visão crítica, trazendo a questão dos efeitos que os meios têm em seus receptores.

Apesar do conceito de Educomunicação já ser utilizado desde a década de 70, foi o argentino Mário Kaplún, filósofo da educação, quem apresentou o termo educuiducomunicador, assim denominando os “agentes sociais capazes de implementar “ações comunicativas” com objetivos expressamente comunicativos, mediante o emprego das linguagens e recursos da informação”.

Esse termo serviu como base para o Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE- USP), na elaboração do termo Educomunicação, que trazia um novo conceito, interdisciplinar, com a proposta de reinventar a área de educação / comunicação. Apresentado pela primeira vez em 1990, através de uma pesquisa realizada em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), foi identificada “a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social”. (SOARES, 2012). Essa pesquisa foi liderada por Ismar de Oliveira Soares, jornalista, doutor em comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado na Marquette University, em Wisconsin, nos Estados Unidos. Coordenador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), ele levou à criação do curso de graduação da USP em Educomunicação, responsável por formar profissionais capazes de desenvolver a análise crítica dos meios, além de desenvolverem a democratização do acesso à informação.

A proposta da Educomunicação é levar até as escolas públicas atividades, com a ajuda de aparatos tecnológicos, que desenvolvam a capacidade crítica dos alunos de analisar os meios de comunicação a que eles estão expostos, e ao mesmo tempo criar novas formas de expressão capazes de ajudar na comunicação, tanto interna - aluno-escola, quanto externa, aluno-sociedade. Para facilitar esse processo, são utilizadas ferramentas como a rádio escolar, jornais, redes sociais, que funcionam como instrumentos de mediação cultural e expressão comunicativa. Esses aparatos permitem aos adolescentes o contato com seus colegas, e através desse meio diferencial deixar de ser somente telespectadores, passando a fazer parte de todo o processo criativo, como protagonistas.

A construção da relação entre comunicação e educação que sustenta o termo desenvolvido pelo NCE-USP foi baseada nas propostas de dois pensadores: Mario Kaplún e Paulo Freire, que utilizaram suas ideias para contribuir na mudança da forma de pensar da sociedade, como na década de 90, quando estava acontecendo no mundo a Invasão Cultural -

movimento com uma expansão de hábitos e costumes de forma hegemônica, principalmente dos EUA, também citado como “americanização”. Esses intelectuais utilizaram a comunicação e a educação para tentar despertar nas pessoas uma autonomia em relação aos efeitos que os meios de comunicação estavam gerando na sociedade: uma massificação e uniformização da maneira de pensar e agir. A partir desses filósofos foram desenvolvidas algumas atividades e emanados conceitos que levaram à tona a discussão de como é possível utilizar os meios de comunicação para realizar educação, e que a partir disso pode ser construído uma nova maneira de analisar criticamente tudo que é produzido e veiculado na mídia. Kaplún traz o termo “Educomunicador” exatamente com a função de ser um facilitador para criação de um novo olhar sobre a mensagem, propondo, mesmo que indiretamente, uma desconstrução da ideia de sujeito passivo, ou seja, aquele que somente recebe a mensagem sem interagir ou questioná-la:

Kaplún conclamava os Educomunicadores à eficácia, ou seja, à preocupação de que as mensagens não apenas cheguem ao destino, sejam entendidas e despertem o interesse dos sujeitos, mas que, principalmente, mobilizem interiormente quem as recebe, levando-os a questioná-las, gerando diálogo e participação e alimentando um processo crescente de tomada de consciência. (BONA, CONTEÇOTE, COSTA, 2007. p. 182)

Mário Kaplún nasceu na Argentina, porém foi no Uruguai onde passou grande parte da sua vida. Ele é considerado jornalista, radialista, filósofo e chegou a trabalhar como publicitário, quando precisou juntar dinheiro, foi considerado um “homem muito criativo”. O filósofo não chegou a concluir o curso superior em Filosofia e Psicologia, porém conseguiu desenvolver diversas atividades a partir de sua junção entre educação e comunicação, que resultou em trabalhos importantes para o país e contribuiu para melhorias na sociedade, principalmente em situações voltadas para causas sociais.

O processo criativo de Kaplún começou com a criação de programas de rádio que, em grande parte, levantavam situações políticas e sociais, como o exemplo do programa “Jurado 13”, que teve uma boa repercussão como uma proposta de rádio educativa. Outro programa criado por Kaplún que refletiu diretamente na sua contribuição para a relação comunicação e educação foi o Cassete-Foto, que tinha o objetivo de dar voz a comunidades populares, associações e sindicatos através dos meios de comunicação. Kaplún defendia a ideia de uma comunicação contributiva, baseado nos conceitos de Paulo Freire, acreditando que a mensagem não deveria apenas chegar ao emissor, mas também ser discutida por todos.

“Kaplún concebía os meios de comunicação como instrumentos de educação popular e fomentadores de um processo educativo transformador. Entendia a expressão “comunicação” como derivada de comunidade, de comunhão, que expressava algo que se compartilha, que se tem ou se vive em comum. (BONA, CONTEÇOTE e COSTA, 2007, p.180)

Para Kaplún, a mensagem emitida através dos meios de comunicação deve “mobilizar internamente” seu receptor, a um ponto que o leve a questioná-la, compartilhando assim, com o conceito de Educomunicação, uma de suas ideias principais. A Educomunicação é um campo que possibilita a jovens e adolescentes uma nova forma de se expressar, se comunicar, através das diferentes mídias sociais, nas quais ele deixa de ser somente o espectador e passa a participar do processo de produção do conteúdo.

O conceito tem como um dos seus objetivos proporcionar uma nova visão ao receptor, ou seja, quer desconstruir a ideia de “puro-emissor”, levantada por Kaplún, em que só é levado em conta o conteúdo, construindo uma comunicação impositiva e monológica. A ideia é proporcionar novas práticas sociais, relacionando-as com a comunicação, mostrando as diferentes utilidades, de maneira multidisciplinar, que os meios podem exercer.

Para Ismar de Oliveira Soares, um dos fundadores do curso de Educomunicação da USP,

“Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação, e não para comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo” (SOARES, 2011, p. 23)

Para entender de onde nasce essa relação entre comunicação e educação é preciso analisar a base teórica utilizada pelo NCE-USP, para criar e aplicar a Educomunicação com as pessoas. Angela Schaun (2002) traz diversas questões sobre o tema, desenvolvendo um pensamento linear desde a evolução dos processos comunicativos até a base das teorias sobre educação, que desencadearam uma forte conexão com ações comunicacionais diante da sociedade contemporânea. Um ponto que está presente e que fortalece essa ligação ressalta as novas tecnologias, que, utilizadas como aliadas do processo comunicativo, permitem novas formas de expressões e a execução da transdisciplinaridade, ponto forte na educomunicação.

Existem diversos processos comunicativos em nossa sociedade. Com o ritmo acelerado que estamos vivendo, na maioria das vezes ficamos diante de situações do dia a dia como seres passivos, ou seja, acabamos não sendo responsáveis diretos em algumas decisões que tomamos, por sofrermos influência dos meios de comunicação que estão a nosso redor. Seja através da televisão, revistas, propagandas e outdoors, o apelo visual ao qual estamos expostos hoje provoca um efeito que, em grande parte, não é notado pelas pessoas.

Para Schaun (2002), a ideia de que a comunicação está sendo utilizada com valor estratégico, político, poderia levar à divisão do mundo em países ricos em informação - denominados *inforricos* - e países pobres em informação, denominados *infopobres*. Que a comunicação está cada vez mais presente em nosso cotidiano é um fato, porém nem todas as pessoas têm acesso a informações de qualidade, ou simplesmente, como coloca a autora, muitas vivem com um nível de notícias de conteúdos muito baixo, o que reflete não só no nível de escolaridade mas está diretamente ligado à construção de visões críticas sobre a sociedade em que vivemos.

Em “Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação” Soares (2011) levanta alguns pressupostos para a construção do conceito de que para que a educação seja reconhecida como uma ação comunicativa, a comunicação deve ser reconhecida em todos os processos de formação do ser humano e vice-versa, ou seja, em toda forma de comunicação existe a possibilidade de estar sendo realizada uma ação educativa, direta ou indiretamente, de maneira que isso interfere na formação de hábitos e costumes que refletem na construção da sociedade.

Uma das propostas da educomunicação é promover a construção de uma sociedade mais humana e pacífica, a partir das potencialidades dos grupos envolvidos nesse projeto. O programa defende que todos têm direito à expressão e é necessário incentivar e amadurecer nas pessoas essa capacidade de não só analisar e criticar o que existe hoje nos meios de comunicação, mas também propor novas formas de manifestar ideias, princípios e opiniões.

O acesso à comunicação possibilita a construção de diferentes ideias que, quando aliadas à educação, permitem que as pessoas construam novos pontos de vista, novas formas de pensar, e no caso da educomunicação permita “ressignificar os movimentos comunicativos”. Através da leitura podemos constatar que “a informação é um fator fundamental para a educação (que atua diretamente no setor produtivo) que, orientada para a convivência, reflexão e crítica, deve também definir seu estatuto frente à mundialização dos intercâmbios culturais e à globalização da economia” (SCHAUN, 2002, p.20).

Atualmente, a educação tradicional, que está presente dentro das salas de aula dos ensinos médio e fundamental, é, em muitos casos, visivelmente “engessada”, não existindo, na maioria dos casos, uma interação ou diálogo que ultrapasse o conteúdo programado. Não existe uma via de mão dupla: só o aluno está apto para aprender com o professor, não acontece uma troca de conhecimento, informação ou aprendizado.

De acordo com Paulo Freire (1982), a educação não deve ser baseada no conceito de extensão, ou seja, em continuarmos transmitindo aquilo que sabemos ao outro, mas sim formulada através da troca de conhecimentos, como defende a Educomunicação: uma construção colaborativa dos processos realizados. O filósofo traz essa questão em seu livro “Extensão ou Comunicação?” que nos faz refletir sobre o que fazemos com o conhecimento que possuímos.

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos. O melhor aluno de filosofia não é o que disserta, *ipsis* como na universidade, não é o que mais memorizou as fórmulas, mas sim o que percebeu a razão destas. (FREIRE, 1983, p.53)

A Educomunicação utiliza a perspectiva construtivista de Paulo Freire como conceito de educação, “situando a prática educativa como processo contínuo de individualização no e com o social”. (SCHAUN,2002, p.22)

Nascido em Recife, Pernambuco Paulo Freire (1921-1997), pedagogo, educador e filósofo, chegando a professor da Universidade de Harvard durante dez anos e consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Municipal das Igrejas, em Genebra, na Suíça, é o responsável pela criação de um novo método de alfabetização para adultos, voltado inicialmente para a população analfabeta da área rural do Nordeste, com as palavras utilizadas por elas no cotidiano. Em 1962, o método foi utilizado pela primeira vez no sertão do Rio Grande do Norte, na cidade de Angico e ficou conhecido como “Quarenta horas de Angico”, tendo um bom efeito entre os trabalhadores, porém despertando críticas entre os fazendeiros, que por sua vez não enxergavam “benefícios” em ter seus trabalhadores alfabetizados. Freire levanta uma ideia de educação voltada para a produção do conhecimento, mas fazendo com que ela não seja somente transmitida de uma pessoa para outra, ou de um professor para um aluno, como no caso das

escolas tradicionais, mas sim uma troca de conhecimento, como o que é sustentado na Educomunicação.

“Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais– em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.” (FREIRE, 1979, p.15)

A partir de algumas ideias propostas por Freire, Kaplún cita conceitos de educação, como por exemplo: a educação que enfatiza o conteúdo (bancária), a que enfatiza os resultados (manipuladora) e a que enfatiza o processo (libertadora e transformadora). Já Freire contrapõe a concepção de “assistencialista”, que é rígida, autoritária, dogmática, e acaba gerando educadores acrílicos e ingênuos, com a concepção da educação como gnosiológica, que os desafia a pensar e não a memorizar, desenvolvendo a capacidade crítica. Em ambos os pensamentos constatamos que o modelo de educação tradicional vive, ou teria que estar vivendo, um processo de mudança estrutural, como propõe a Educomunicação.

Para um aluno, hoje, estar em uma sala de aula que sustenta esse modelo tradicional é muito menos atrativo do que, por exemplo, o que a internet veicula e possibilita. Da mesma forma que os professores demonstram um descontentamento em relação à estrutura e ao interesse dos alunos em sala de aula. Se juntarmos as situações perceberemos que existe um desgaste e falta de diálogo entre o que a Educomunicação chama de Ecosistemas Comunicativos. O termo ecossistema traz a ideia de que existem teias de relações entre as pessoas que convivem no mesmo espaço, construído coletivamente, com o intuito de proporcionar o diálogo e fomentar a utilização dos meios de comunicação e das tecnologias para criar novos canais e formas de expressão. É como se fosse uma imitação do que acontece na Natureza, onde os reinos, principalmente o vegetal e o animal, se inter-relacionam e passam a constituir uma perfeita simbiose.

Ecosistemas comunicativos podem existir também em lugares que possuem formas de relacionamentos com regras determinadas, porém o intuito da Educomunicação é a construção de uma relação aberta e criativa, onde as regras sejam criadas de forma colaborativa, através do diálogo e da convivência, quebrando uma “perspectiva hegemônica verticalista na relação entre

emissor-receptor”. O sistema educacional tradicional traz uma estrutura entre professores, diretor e aluno que não permite, na maioria das vezes, um posicionamento, ou até mesmo levantamento de discussões por partes dos alunos. A maioria das escolas públicas, por mais que esse cenário esteja mudando lentamente, não promove nem estimula o desenvolvimento de projetos sociais, culturais, e como consequência disso não vivenciamos uma relação de troca o aluno ensina ao professor e vice-versa- sendo mantido um modelo em que o educador detém a palavra e o aluno não tem canais para expressar o que pensa e o que sente.

O ecossistema comunicativo abarca uma série de questões, tanto numa visão macro quanto numa visão micro das relações que as pessoas cultivam e desenvolvem. A partir daí, conseguimos entender que pessoas são direcionadas, através de mídias, a se relacionarem de outra forma. Soares (2011) classifica algumas ações para que se possa desenvolver ecossistemas comunicativos, sendo ações inclusivas, em que todos os participantes dos projetos atuam e constroem diretamente as atividades que vão ser realizadas: democráticas, elevando a todos a condição de igualdade; midiáticas, enaltecendo as mediações que os meios de comunicação proporcionam e, por fim, não menos importante: ações criativas, que estimulam as manifestações culturais.

Outra convicção que a Educomunicação traz é a ideia de “fluxos informacionais” sendo “trajetórias invisíveis que se movimentam em cadeias semióticas de singularidade, que transitam de uma cultura para outra impulsionada pela desterritorialização” (SCHAUN,2002, p. 23) Como já foi citado anteriormente, a comunicação está presente em todos os âmbitos de nossas vidas, e essa ideia de fluxos informacionais só nos faz pensar que estamos em percursos comunicativos sem mesmo saber, por conta de uma comunicação massiva que já nos alcança de forma imediata e imperceptível. Ao tentar proporcionar uma mudança na forma de analisar esses meios, vivenciamos o processo de ruptura de territórios já formados, podendo existir como construção social ou até mesmo nas relações entre as pessoas.

A Educomunicação atua diretamente com a ideia da interdisciplinaridade, ou seja, associar diferentes áreas para construir uma nova forma de pensar. Dentro da escola os alunos têm acesso a diferentes disciplinas e a diversos temas que invadem o cotidiano: bullying, gravidez na adolescência, drogas, sexualidade, violência, e ao tratarmos desses assuntos com um novo ponto de vista, ou melhor, viabilizando que o adolescente se expresse através de uma rádio, por exemplo, proporcionamos reflexões, questionamentos que antes não eram possíveis.

Os adolescentes passam a entender que um “mesmo ponto de vista pode ser visto de diferentes lugares”. Hoje, no momento em que as redes sociais estão formando hábitos e opiniões, é viável utilizá-las para ser um canal de diálogo e transmissão de informação a partir do telespectador e não somente do emissor.

Ao analisarmos a interatividade da comunicação com a educação, percebemos que ambos sempre estiveram interligados, que o ato de educar traz consigo, de uma forma ou de outra, o ato de comunicar, da mesma forma que, ao comunicarmos algo, também estamos “educando”. O que a Educomunicação sugere, aplicando essa junção, é desenvolver jovens a partir de atividades feitas nas escolas, em sala de aula, não voltadas para uma educação formal, tradicional, mas para uma possível transformação que envolva todo o ambiente escolar.

A Educomunicação também traz uma vertente política, com o intuito de formar cidadãos críticos e desenvolver as relações sociais de forma humanizadas. O filósofo afirma: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.”(FOUCAULT, 1996, p.44) Despertar nos alunos uma visão inovadora sobre os problemas do cotidiano, visando a uma resolução colaborativa, é um dos objetivos da Educomunicação, construindo a alteridade e uma nova maneira de se colocar, diante do outro e da sociedade.

2.1 JUVENTUDES E PLATAFORMAS DIGITAIS

A relação que os jovens estabelecem atualmente com as plataformas digitais é reflexo de uma mudança na forma de se comunicar, de se expressar com o mundo e consigo mesmo. No livro “Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas”, debate-se a ideia de que “o consumo de telefone celulares desempenha um papel importante na construção de imaginários, de identidades e do mundo social” (SILVA, Rubia, 2008, p.325)

A relação que o jovem tem hoje com o celular vai além de um bem material, ele atua como ferramenta de interação pessoal, entretenimento e lazer, permitindo que os jovens se conectem com pessoas no mundo todo e com uma série de informações e atividades que, às vezes, por conta de sua condição social e econômica, não lhe estariam acessíveis. A possibilidade de visitar lugares virtualmente, utilizar jogos eletrônicos e ter acesso a uma vasta opção de produtos como roupas, sapatos e acessórios, são algumas das possibilidades que as plataformas dispõem. Se pararmos para pensar o tempo médio que cada pessoa fica hoje ao

celular, com base em análises de pesquisas já realizadas, ficaríamos assustados, e, para facilitar enxergar isso, o Instagram disponibilizou em seu aplicativo uma opção para medir o tempo em que o usuário fica por dia conectado à plataforma.

Na opção, que está disposta dentro do aplicativo, nomeada de “suas atividades”, vem detalhado por dia quanto tempo os usuários ficam conectados, inclusive com a possibilidade de cadastrar um tempo médio que cada um quer utilizar o Instagram, aparecendo uma notificação na tela quando atinge o limite cadastro. Com isso, podemos constatar que algumas plataformas, ao mesmo tempo em que apresentam novas tecnologias relacionadas ao consumo digital, entendem que é preciso analisar como esse canal é utilizado e o que isso traz para cada usuário. De acordo com pesquisa divulgada no site O Globo, realizada pela Organização à Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), adolescentes brasileiros da faixa de 15 anos passam mais de três horas por dia conectados à internet.

As plataformas digitais tornaram-se, para muitos, mais atrativas do que a própria vida real. Pude constatar isso a partir de uma vivência com jovens e adolescentes que conseguem, através delas, se expressar e se expor sem precisarem ter contato físico ou mostrar a realidade em que vivem, o que de alguma forma os protegem de críticas ou de possíveis julgamentos. Com o uso das plataformas as juventudes têm a oportunidade de criar elos com usuários que elas não conhecem mas com elas compartilham o mesmo gosto musical, as mesmas séries, gostam dos mesmo animes ou adotam o mesmo estilo de roupas, conseguem criar elos a partir de suas visões de mundo, mas sempre admitindo que “ninguém me entende” ou “não tenho amigos na escola”, e a partir daí são criados amigos virtuais que os acolhem quando surge um momento de tristeza ou de solidão.

Conseguimos, a partir dos *stories* ou de fotos postadas no *feed* - como são intituladas alguns acessos que o Instagram possui para exposição de fotos e vídeos - ver se a pessoa está triste, feliz, se está namorando, se está na escola, entre outras muitas opções, e isso se tornou uma rotina no cotidiano, a ponto de algumas pessoas acharem estranho se determinado usuário não posta nada durante algum tempo. Este fato acontece muito com os blogueiros ou com pessoas famosas que costumam relatar todos os fatos do seu dia através das redes.

Mas hoje, com 1 bilhão de usuários ativos, segundo o próprio Instagram (o Brasil possui 20 milhões de perfis comerciais e 2,5 milhões de anunciantes, ficando em segundo lugar no mundo com mais usuários, atrás somente dos EUA), essa plataforma gera pontos positivos e

negativos, que são motivos de análise de psicólogos em todo o mundo. Com o uso desse aplicativo, também existem exposições negativas para realizar diversas críticas e até mesmo executar um “senso de justiça”, sendo comum hoje vermos manifestações de julgamento de fatos pessoais que acontecem, principalmente, na vida de pessoas com grande visibilidade.

Interessante é que, graças às plataformas digitais, muitos “navegadores”, principalmente adolescentes, se apresentam ao mundo com o perfil que gostariam de possuir. Afinal, esta é a “minha imagem”, saturada de filtros sociais e dos retoques estéticos que me transformam no “brother que eu gostaria de ser”. E “aparecer bem na fita”, como eles dizem, é “de grátis”. Este comentário serve apenas para revelar uma das muitas facetas da moderna comunicação, que abre um leque de permissividades que envolvem sonhos, desatinos e projeções de personalidades retocadas pelo cinzel das fantasias. É nessa trajetória que o adolescente de formação educacional rasteira tropeça, porque um dia ele vai esbarrar na grande mentira, gerando frustrações e até mesmo depressão.

Mas mesmo com alguns pontos considerados, por muitos, como negativos, esses aplicativos também conseguem conectar diversas pessoas e criar uma relação de confiança do jovem com ele mesmo, a partir do momento em que ele consegue criar amizades e obter retorno, por exemplo, de uma foto que ele posta, o que não acontece em sua vida “real”. A internet amplia as formas de expressões - são músicas, imagens, são os mesmo que hoje estão tão presentes, como pude perceber durante a intervenção na escola, que conseguem tornar mais “leves” assuntos que às vezes magoam, até mesmo a situação da sala de aula, da relação com os professores e com os colegas. As plataformas funcionam como um canal de interação, uma espécie de diário online que podemos postar como nos sentimos, o que queremos e quais são nossos sonhos, muitas vezes coisas que esses adolescentes não conseguem dizer pessoalmente para um familiar, para um colega. Aí, transformam sua realidade em mensagens através das redes, que, diante do alcance que elas têm, acabam virando uma mensagem para o mundo.

2.2 PROJETO JOVEM CURIOSO: CONSTRUINDO ECOSISTEMAS

A escola é o lugar onde os sonhos começam a ficar mais distantes, os olhares começam a ficar mais perdidos e os adolescentes precisam começar a “se virar” para saírem “ílesos” dessa instituição chamada Escola. Para quem saiu do ensino médio há cerca de 10 anos, como eu, entrar numa escola é, no mínimo, algo saudoso, entre tantas lembranças, boas e ruins, é possível conhecer e sentir as milhões de histórias que aconteceram no pátio, os anseios que estão estampados nos riscos das carteiras, feitos a caneta, e aqueles desenhos nos banheiros, que marcam, de alguma forma, as descobertas da adolescência. A Escola Estadual Sátiro Dias, que abordo neste memorial, não foi onde fiz meu ensino fundamental ou médio, mas o primeiro espaço onde eu, como adolescente, tive a experiência de ministrar oficinas com jovens de 10 a 15 anos.

Minha relação com a escola começou ainda criança, quando minha mãe, professora de Português da Sátiro Dias, me levava para assistir às suas aulas, que por sinal enchiam meu coração de expectativa: “Um dia vou estar ali”. Recordo-me que ia tanto no turno da manhã quanto no da noite, e ficava tentando imaginar a vida que cada aluno tinha por trás daquelas fardas, por trás daqueles fones no ouvido, por trás daquela falta de atenção que, para mim, naquela época, soava como desinteresse. Era difícil entender a realidade que cada um trazia consigo, mas depois de algumas vivências tive a sensibilidade de mudar minha forma de ver aqueles adolescentes e os adultos (que frequentavam o turno da noite), que queriam estar em qualquer lugar do mundo menos naquela sala de aula. Depois de alguns anos, em 2009, então com 18 anos, retornei à Escola Sátiro Dias de outra forma: participei do Projeto Mais Educação, realizado pelo governo do estado, para ministrar oficinas com jovens de 5º a 8º série, sobre letramento, que abordava o Português, e sobre educação sexual. Como uma adolescente ensinando a outros adolescentes, digo que foi uma experiência única, tenho certeza de que aprendi mais do que ensinei, que cresci mais do que fiz crescer e que, naquele momento, foi acesa uma chama que incendiou um objetivo: mudar a vida desses jovens. Desde então, deixei guardada minha relação com a escola e com os adolescentes, o que pude retomar agora nesse projeto Jovem Curioso.

O primeiro contato com a escola começa com seus muros que, como um bom segregador, já deixa bem claro que ali é uma escola pública e que seus alunos devem ser mantidos dentro daquele estabelecimento a fim de manter a “ordem” na rua. O portão, através do qual os estudantes passam todos os dias, é bem pesado, controlado por um “porteiro” e auxiliares de uma empresa terceirizada que, logo na entrada, recolhem as carteirinhas de identificação dos alunos para devolverem no último horário, condicionado as saídas à sua apresentação. Em meus dias observando o funcionamento da escola tentei entender a funcionalidade dessas carteirinhas, pois a direção alegava que dessa maneira o estudante não poderia sair da escola antes do horário determinado, que há um controle de quem está presente e ausente. Inicialmente, ficou claro para mim que os alunos não poderiam sair sem passar pelo porteiro, mas depois pude entender que, pelo fato de o porteiro e os auxiliares não funcionarem como deveriam, eles criaram o “método da carteirinha” para evitar essas fugas repentinas dos alunos no meio da aula.



Figura 4- Portão da Escola Estadual Sático Dias (Bahianow)

Comecei minhas visitas à escola a partir do contato com a diretora Ivana Bastos, sempre muito solícita, que me recebeu muito bem e sempre deixou claro que estava à disposição e que as portas sempre estariam abertas. Ivana, coincidentemente, é estudante da UFBA, onde cursa Estudo de Gêneros. Trata-se de uma mulher forte, que está sempre aberta para o diálogo, e o principal: sempre disposta a acompanhar as mudanças de seu tempo. Porém, durante minhas oficinas, ela entrou em um processo de aposentadoria e não teve como me acompanhar até o final, presencialmente, mas sempre manteve contato e mostrando-se à disposição caso eu precisasse de algo. Ivana está no cargo de diretora da Sático Dias desde 2013.

Para começar meu projeto, primeiro optei por ter vivências na escola, a fim de entender como funciona a comunicação interna entre funcionários, professores e alunos. Logo no início do semestre, tive a oportunidade de assistir a um pouco da semana pedagógica da escola, primeira semana do semestre em que professores e coordenadores se reúnem para discutir conteúdos e projetos que serão realizadas durante o ano. De acordo com o site Semana Pedagógica, sob o domínio do governo do estado da Bahia, o encontro prevê:

É na Semana Pedagógica que se projetam as trilhas a serem construídas, para garantir que ao longo do ano letivo cada uma das escolas do estado da Bahia seja espaço de acolhimento, de pertencimento e da garantia dos direitos de aprendizagem, para todos (as) e para cada um (a) dos(as) estudantes baianos (as).

Eu cheguei no terceiro dia, e preciso dizer: foi um dos dias menos construtivos entre todos nos quais visitei a escola. Logo pela manhã, estava acontecendo uma dinâmica direcionada, sob comando de uma das professoras, para o autoconhecimento e para a relação dos professores com a escola, o que foi bem interessante, pois todos participaram. Logo depois, a coordenadora Cristina Rebouças, que tem como função intermediar a relação entre professores e alunos, falou que os professores deveriam se reunir por disciplina e pensar em possíveis projetos que seriam realizados durante o ano. Sim, a proposta é interessante e, no mínimo, indicada para uma semana pedagógica, se não fosse a falta de papel para os professores escreverem esses projetos, provocando um envolvimento quase nulo dos participantes - talvez a Sátiro Dias tivesse algumas novidades em sua programação naquele ano, mas o resultado dessa ação foram rodas de bate papo. Não foram elaborados projetos, não houve debates sobre o tema, durante o tempo em que estive lá presenciei uma bela conversa de professores que voltavam de férias, conversas sobre salários e o novo horário de aulas. É importante pontuar que a escola, inclusive, só tem dois projetos anuais: um realizado pela Polícia Militar no bairro e outro realizado ao final do ano, como uma espécie de concurso de calouros que nem professores nem alunos souberam me dizer o nome.

No meio do bate-papo, aquele para construir os projetos, foi solicitada uma foto para a Secretaria da Educação confirmar que a semana estava acontecendo: sim, acreditem, todos pegaram livros e tiraram fotos, que foram enviadas pelo WhatsApp e a “missão” foi concluída. A comunicação, infelizmente, também possibilita esse tipo de ação, o que é muito triste mas é o retrato real de um sistema educacional que não funciona. Como professores podem pedir a

estudantes não copiarem a tarefa do colega, se muitos são capazes de fazer algo do mesmo nível? Nem todos os professores são omissos, alguns preferem fazer os planejamentos em casa, onde existe uma estrutura, mas constatamos que a máquina de ensino, com esse modelo, não funciona e ninguém faz nada por isso.

Em todo esse processo inicial na escola tive o grande apoio de uma das professoras mais antigas da Escola Sático Dias - Luci, que ministra aulas de Ciências para turmas do oitavo e nonos anos. Durante meu período de observação na escola, ela foi uma parceira e uma fonte muito importante. Mas voltando à semana pedagógica, depois de algumas conversas descobri que aulas, até o carnaval, iriam ser realizadas somente até 10h, de 30 em 30 minutos, pois o governo não tinha repassado o dinheiro da merenda, e que isso sempre acontece, inclusive aconteceu várias vezes no ano passado; descobri que os livros que são enviados para a escola muitas vezes não são úteis, pois o conteúdo dado em cada série às vezes não está equivalente ao que vem nas páginas, e o resultado disso são muitos livros deixados de lado; descobri que a diretora não tem dinheiro nem para o papel, somente para imprimir a caderneta dos professores, e que as aulas de artes acontecem exatamente sem nenhum material. Também foi muito clara a divisão de crianças por turnos, como já citei anteriormente, o que nos ajuda a desacreditar no papel da escola e dos professores. Descobri também que muitos professores amam o que fazem, querem fazer diferente, mas infelizmente é muito difícil quando se está sozinho, cansado e com adolescentes que os enxergam como opressores; descobri que é muito importante realizar ações na escola para estimular os adolescentes e professores a criarem novas formas para expressar, tanto os conteúdos dado em sala de aula, como questionamentos que envolvem a adolescência e a sociedade

3. AS OFICINAS



Figura 5- Oficina do Projeto Jovem Curioso

Foi aquele gostinho de nostalgia ao chegar para iniciar as oficinas e encontrar-me com eles ali, no pátio, conversando, brincando, rindo de coisas que só eles entendem e, claro, só eles acham graça. Seria mágico se fosse um circo, mas como estamos dentro de uma sala, é como se fosse a hora do intervalo. Chegar ali, trazendo tantos desejos e encontrar outros milhões de desejos, é como encontrar o gênio da lâmpada mágica, mas ainda não saber como abrir. Se não existisse a delicadeza de Felipe, a rapidez do Anderson e o carinho da Carol, não teria começado meu projeto com tanto amor e tanta vontade de fazer a vida daqueles alunos diferente.



Figura 6- Maria Vitória, Yasmim, Sara e Ticiane, Projeto Jovem Curioso

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xALhm1JihI>

O primeiro encontro que tive com os alunos foi utilizado, primeiro, para conhecê-los e para me apresentar, e depois para criarmos, juntos, a maneira como aconteceriam nossos encontros. Nesse primeiro momento os alunos expuseram os temas nos quais tinham interesse em falar, e assim montamos a estrutura dos nossos encontros, ficando decidido que cada dia falaria de um assunto diferente, com todos os alunos presentes.



Figura 7- Foto: Integrantes do Projeto Jovem Curioso, 2019

Nesse primeiro encontro também levantamos o tema “quem sou eu neste mundo”. Conversamos um pouco sobre como eles se viam no mundo, na escola, em suas famílias e nas relações com seus amigos. Alguns produziram poesias, outros fizeram músicas, que abordavam como se sentiam diante dessa pergunta.



Figura 8- Wesley Gabriel, Projeto Jovem Curioso, 2019

Vídeo disponível em: https://www.instagram.com/p/ByK1mOIHYuZ/?utm_source=ig_web_copy_link



Figura 9- Emille Souza, Projeto Jovem Curioso, 2019

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6oCCxscUVFE>

As oficinas foram programadas com base no programa de Educomunicação, ou seja, foram construídas com eles, estudantes, que sugeriram os temas que queriam abordar e a forma como achavam mais interessante que nossos encontros acontecessem. Pensamos, inicialmente, na construção de um site, um canal no Youtube, e de um perfil no Instagram, e o mais legal é ver neles o sonho de “serem vistos”, ou “descobertos”. Eles trouxeram muitas referências de blogueiros e ídolos que faziam sucesso na internet. Fomos debatendo sobre as possibilidades que as redes sociais oferecem a seus usuários. As plataformas foram escolhidas por serem as que os estudantes mais tinham contato, que mais utilizavam e enxergavam, de certa forma, como as mais eficazes para reproduzir o conteúdo feito no projeto. No decorrer dos encontros tivemos diversas dificuldades com a construção do site, que chegou a ser criado, porém, devido à falta de estrutura, como computadores, e à falta de iniciativas e às dificuldade dos alunos de produzirem textos, optamos por ficar somente com o Instagram e com o canal no Youtube, o qual eles teriam mais acesso e facilidade de “alimentar”. Definimos o nome do projeto, através de votação, e tivemos opções como “mundo dos aborrecentes” e “Chega mais”, ficando em primeiro lugar o Projeto Jovem Curioso.



Figura 10- Perfil Instagram, Projeto Jovem Curioso, 2019

Disponível em: <https://www.instagram.com/projetojovemcurioso/>



Figura 11- Canal no Youtube, Projeto Jovem Curioso, 2019

Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCzRRrQWXi1qahpn3LqYnidA>

Em nossos encontros começamos a falar sobre a escola e nesse momento os 28 alunos estavam juntos na mesma sala, que por sinal não tinha nem lâmpada, mas apesar do imenso calor e com muita vontade, conseguimos seguir nosso roteiro. Nesses primeiros encontros falamos sobre as situações da escola, da sala de aula, como eles enxergavam os professores e, depois de alguns dias de oficina, resolvemos dividir os grupos por tema e alternar os dias que eles ficaram para o projeto, com o intuito de aumentar a produtividade de cada um e conseguir trazer mais referências para nossos debates e bate papo em sala de aula.

No início, estavam todos tímidos, era um tal de senhora, professora, tia, que, com muito esforço, virou só Maria, e fomos construindo um vínculo de parceria, de quem joga no mesmo time, de quem está descobrindo junto aquele mundo cheio de novidades e construindo um caminho cheio de pluralidades.



Foto 12- Emily, Emille, Hugo, Felipe e Anderson, Projeto Jovem Curioso

Dividimos os grupos em moda, esporte, tema da semana, filmes e séries, curiosidades, memes e música, e alguns se ofereceram para filmar e tirar fotos, enquanto outros para alimentar o Instagram. Nesse momento os alunos foram descobrindo do que mais gostavam e eu fui descobrindo os alunos e como todos, sem exceção, são especiais. Mas preciso destacar alguns que me chamaram bastante atenção, seja por sua história de vida ou por seu comportamento.

O primeiro deles, que venho apresentar neste memorial, é Felipe, conhecido com Fripa, o adolescente mais abusado do projeto, todos o pirraçam e ele, aparentemente, gosta das brincadeiras. Alguns professores o chamam de “bobão e imaturo”. Ele não consegue ficar parado ou prestar atenção às coisas que as pessoas falam, leva tudo na brincadeira e tem dificuldade de diálogo, de conversar e de se expressar, mas desde o início aquele menino

chamou minha atenção, até o dia em que eu li uma de suas poesias e descobri que ele era compositor. Falava de amor, de vida, dele mesmo, junto com um olhar perdido e uma vergonha sem limites.

Fripa, como eu também o chamo, me ajudou nas edições de vídeos, nos memes e durante o projeto chegou a desistir de ser compositor. Em uma tarde, durante a oficina, sua mãe chegou na sala dizendo que ele não iria mais continuar. Fui conversar com ela e vi nitidamente que ela entendia que o filho era extremamente inteligente, mas questionava para o que ele usava essa inteligência, que não servia de nada na escola. Convenci-a a deixá-lo continuar e desde então era um aluno que acompanhava de perto, vendo suas notas e tentando estimular o máximo para que ele passasse de ano e não desistisse da carreira de compositor e escritor.



Figura 13- Felipe, Projeto Jovem Curioso, 2019

Outra aluna que me chamou bastante atenção foi Yasmim, a líder da dança, a mais diretiva e, dizendo a grosso modo, a que comanda as meninas. Uma adolescente “retada”, decidida, que vive na defensiva, como se criasse uma casa em volta de si. O sonho dela é ser policial militar e apesar de ser bem séria, tem o sorriso de uma menina com um coração enorme, que sabe o que é certo e errado e não quer guerra com ninguém.

Não posso deixar de falar de Emille, uma jovem com um sorriso tão doce que não consegue dizer o que realmente sente, talvez por medo ou receio do que vão dizer. Ela tem vários sonhos, mas não acredita em seu potencial - seu sonho é ser veterinária e ter um grande amor, o que

afirma com uma fala baixa, quase se escondendo. Emille disse que teria de sair do projeto para estudar para as provas, mas que bom, ela conseguiu continuar e contribui bastante para nossos encontros

Tivemos três meses de encontros, e neste momento em que finalizo esse memorial, ainda terei mais alguns dias de projetos com os alunos. Nossas oficinas aconteciam duas ou três vezes na semana, nas segundas, quartas e sextas. Como optamos por dividir os grupos, em cada dia de projeto nos reunimos com temas diferentes, apesar de que, na maioria das vezes, alguns alunos acabavam participando de quase todos os grupos, o que enriqueceu bastante o projeto. Alunos como Mateus, Anderson, Felipe, Emilly, Emillie, Maria Beatriz, Hugo, Cristian, Wesley Gabriel, Edeílson, Luis Gustavo, Luis Henrique, Raiane e Pedro, foram os que estavam presentes em quase todos os dias de oficina e que participaram ativamente dos debates e das atividades. Para especificar um pouco as atividades, vou detalhar as dinâmicas realizadas com os grupos.



Figura 14- Integrantes do Projeto Jovem Curioso, 2019

O grupo Tema da Semana é aquele do qual poucas pessoas quiseram participar. Nós o criamos com o intuito de escolher temas diferentes, relacionados à escola, para serem discutidos. Em nosso planejamento, o primeiro tema escolhido foi bullying. Começamos com debates na sala, rodas de conversas, apresentei vídeos, depoimentos, passamos a levantar questionamentos e os próprios alunos iam se identificando com as histórias compartilhadas.



Foto 15- Raiane, Adailson e Hugo, Projeto Jovem Curioso

Depois desse primeiro momento, eles passaram a produzir o conteúdo para as redes sociais, vídeos para o youtube e entrevistas. Nesse momento foi quando pude entender o tamanho do projeto que estava fazendo, encontrei muita dificuldade nessa parte de colocar as coisas em prática, pois, como resolvi fazê-lo sozinha, não conseguia orientar os alunos em cada segmento separadamente, o que fez com que as produções acontecessem de forma mais lenta. Infelizmente, pude constatar a falta de conhecimento do básico entre os alunos, a dificuldade que eles têm de concatenar as ideias, de interpretar textos, de criação, o que demandou uma grande dedicação de minha parte. Mas vê-los empolgados para gravar, e o principal, a evolução deles durante todo o projeto, realmente era um presente que não tinha preço. O que me chamou atenção nas gravações sobre o tema bullying foi que todos, sem exceção, já viveram alguma experiência ruim, ou praticando ou sofrendo algum tipo de agressão verbal ou física. E sobre isso eles falam numa inocência que chama a atenção e até comove, porque eles não têm noção da gravidade de algumas coisas que já fizeram e vivenciaram, que para mim soam como absurdas, mas, para eles, aparecem como normais. As discussões da semana ficaram em torno somente desse tema, que sempre trazia novas visões ou acontecimentos. Vídeo “Entrevista sobre Bullying” - https://www.youtube.com/watch?v=PsXV_3P7vmQ&t=70s



Figura 16- Integrantes do Projeto Jovem Curioso, 2019

Nos poucos encontros que tivemos com o grupo de moda, abordamos a diferença de estilos que campeia na escola, com cada um se expressando de um jeito, e percebemos como os adereços que os estudantes utilizam funcionam como uma forma de passar a mensagem “quem sou eu”. A discussão ficou em torno do certo e do errado, algumas estudantes achavam que existe uma tendência, os padrões de moda, e outras achavam que cada pessoa tem o direito de criar seu estilo de acordo com o que sente mais à vontade. O mais legal nesses encontros é perceber que cada adolescente constrói seu estilo diferente e que se sentem seguras, em alguns casos, para vestir as roupas de que gostam, usar o cabelo da forma em que se sentem bem, mesmo que isso não “acompanhe” o estilo da maioria dos estudantes da escola.

Vídeo “Vamos falar de moda?” - <https://www.youtube.com/watch?v=1MjmpQTiOCQ>

No grupo de filmes e séries, fazíamos um bate papo sobre as séries que os estudantes gostavam de assistir e eles acabavam comentando sobre elas em pequenos vídeos, e como falei anteriormente, havia algumas dificuldades dos alunos de expor suas ideias, o que constatei em alguns encontros com esse grupo. Percebi que os estudantes tinham dificuldade em desenvolver a capacidade crítica de analisar as coisas, então questionei sobre séries às quais eles diziam assistir todos os dias, mas eles não conseguiam ver as mensagens implícitas que estavam por trás das principais personagens.

O grupo de esportes era o mais engraçado e ao mesmo tempo mais difícil de trabalhar. Os alunos estão borbulhando de energia, desejos, sonhos, então foi mais difícil fazer todos se concentrarem e produzir da mesma forma, mas tivemos muitos bate papos legais sobre esporte, inclusive pudemos discutir o outro lado do futebol, oposto à fama, à riqueza, que muitos deles

não sabiam que existiam. Três alunos sonham ser jogadores profissionais, daqueles que, quando falam em seus projetos, os olhos brilham, e era muito legal incentivar todos eles a irem atrás de um sonho, como é o caso de Luiz Felipe. Aos 14 anos, ele trabalha numa pizzaria, ganha R\$ 1000 e consegue comprar suas “coisas”, como ele mesmo dizia, e brincava: “Maria, eu já disse pra eles estudarem, porque ficam brincando comigo, depois eu passo de ano e eles não, minhas notas são barril”. Ele acredita que vai ser um jogador de futebol e determina que, por mais que seja difícil, vai chegar lá. Digo até que ele é o “garanhão” do projeto, e mesmo dizendo que não quer namorar, ainda se diz apaixonado por uma garota, com quem “ficou” por um tempo. Viver um pouquinho da realidade de cada um não tem preço, como se fosse um encontro com diversidades. Por exemplo, ao mesmo tempo em que Luiz Felipe trabalha e tem condições, tem Pedro, que disse precisar trabalhar para mudar logo a situação de sua família.



Figura 17- Pedro, Wesley Gabriel, David e Luis Felipe, Projeto Jovem Curioso

Vídeo “Qual seu jogador favorito?” - <https://www.youtube.com/watch?v=myCz-MtbM3Y>

Com o grupo de Dança resolvemos criar um festival que fosse enaltecer a força da mulher, mas as integrantes mudaram tanto de ideia - e olhe que ensaiaram bastante - que até o momento ainda não resolveram o que fazer. Um dos encontros que quero pontuar com esse grupo foi quando falamos de feminismo. Trouxe alguns vídeos com depoimentos, vivências de mulheres que são engajadas com essa causa, e percebi que muitas alunas não tinham noção do mundo machista e opressor no qual vivemos. Deram diversos depoimentos sobre como os meninos da escola viam elas e como estavam distantes umas das outras, no sentido de que as mulheres

criticam e julgam as próprias mulheres, a fim de chamarem a atenção dos homens e desqualificar “sua igual”.



Figura 18- Ticiane, Yasmim, Raiana, Sara, Stefanie e Maria Vitória

Alguns encontros foram bem marcantes. Experimentei perguntar “quem sou eu neste mundo”, e a maioria não soube responder. Aliás, a maioria não soube responder por que está na escola, não sabe como chegar à universidade nem sequer o que são cotas. Muitos deles disseram não ter vontade de sair de casa, não acreditam na vida e acham que ninguém os entende - acreditam que não têm futuro e que nada vão conseguir. Quando levei um convidado, Giancarlo Oliveira, para falar sobre empreendedorismo e ele perguntou como eles se viam daqui a 5 anos, muitos deles falaram de seus sonhos sem mesmo neles acreditar: “Eu queria ser astronauta mas minha mãe disse que isso não dá certo, aí eu não sei mais”, ou “eu era músico e compositor mas já desisti, porque não tenho apoio de ninguém”. Foi um dos dias mais marcantes do projeto, adolescentes que não acreditam no seu potencial, que não sabem sequer sonhar, que não são encorajados nem pela escola nem pela família, mas que têm potencial de ir mais longe do que eles próprios acreditam.

Vídeo disponível em: “o que você quer ser na vida?”

https://www.youtube.com/watch?v=vYokpEwQ_Fk&t=2s

As oficinas com esses adolescentes geraram nossos produtos, o Instagram e o canal no Youtube, através da construção audiovisual. Porém, para um trabalho realizado com uma série de intervenções em Educomunicação é de extrema importância ressaltar a dificuldade de

estabelecer a comunicação entre os estudantes e o restante da escola, como premissa que a Educomunicação propõe. A sala em que nós estávamos pareceu não “dialogar” com o restante da escola, por alguns motivos, e um deles é a falta de interesse de professores e dos funcionários de interagir e participar desse processo, para construir um “ecossistema comunicativo”. Outra questão seria a interação com os alunos do turno da tarde, o que também não aconteceu da melhor forma, eles não foram receptivos com os integrantes do projeto, tiveram algumas atitudes agressivas, como chutar a porta da sala onde realizávamos o projeto, quebrando o painel do interruptor e danificando a câmera que estava carregando. Tentamos por algumas vezes inseri-los em nossas atividades, porém, em nenhuma delas tivemos um resultado positivo, o que acabou fazendo com que as práticas acontecessem mais entre eles, e que essa comunicação com a escola não acontecesse da forma que planejávamos.

3.1 COMUNICAÇÃO NA ESCOLA

A comunicação na Escola Estadual Sátiro Dias é bem simples de explicar. Existem os alunos do quinto ao nono anos, existem as auxiliares de uma empresa terceirizada que são responsáveis pela limpeza, por colocarem os alunos nas salas, organizar a escola e cuidar desse processo que envolve o dia a dia dos estudantes. Existe uma diretora e a vice-diretora, uma coordenadora que auxilia nesse processo entre professores e alunos, e a secretaria, que é formada por funcionários responsáveis pela parte administrativa, inclusive matrículas, entre outras pendências.

Os funcionários terceirizados ficam no pátio e são responsáveis por colocarem os estudantes dentro das salas, por supervisioná-los na hora do intervalo e entre uma aula e outra, uma relação que deveria ser, no mínimo, respeitosa. Seria assim se alguns funcionários não usassem palavrões, não ameaçassem os alunos, não os tratassem como uma “coisa qualquer”, se tivessem o mínimo de educação para cumprirem suas funções. Em paralelo a isso, temos alunos extremamente ríspidos, agressivos, que não aceitam as regras da escola, que utilizam termos chulos para os funcionários, que sujam a sala, quebram cadeiras, então nós podemos construir, com essas duas imagens, uma relação adversa, como se cada um andasse para um lado. Quando um professor tira um aluno da sala por algum motivo, ele tem duas opções: ou simplesmente manda o aluno sair da sala ou o acompanha até a sala da coordenação, e ali acontecem as medidas cabíveis. Contudo, é muito comum você chegar a qualquer hora no pátio e ver dezenas de alunos andando brincando, correndo, sem ninguém preocupado com o que aconteceu, ou

simplesmente em encaminhá-los para alguma outra atividade, e assim eles podem ficar ali até a próxima aula começar. Na hora da merenda, isto é, quando tem, os alunos formam duas filas separadas: meninas para um lado e meninos para o outro, pois, infelizmente, os meninos acabam não respeitando o espaço, o corpo de suas colegas, o que gera muita confusão.

A comunicação na escola acontece basicamente dessa forma, ou melhor, não acontece. Os funcionários não se comunicam com os alunos, eles simplesmente tentam impor as regras da pior maneira possível, e por sua vez os alunos não tentam se comunicar com os funcionários, buscam simplesmente driblar as regras que já existem. Não existe uma tentativa de um ajudar o outro, os funcionários estão extremamente insatisfeitos, primeiro com seu trabalho, segundo eles acham que os estudantes são “demônios”, como alguns os chamam, então é uma relação, basicamente, de disputa de poder - quem falar mais alto, ganha. Essa relação ainda traz uma espécie de sadismo: quando os alunos chegam atrasados e está chovendo, têm de esperar do lado de fora da escola, na chuva, independentemente do motivo, condicionando sua entrada, por vezes, à presença da mãe. Ao mesmo tempo, os alunos não estão muito dispostos a cooperar com o trabalho desses funcionários, é uma correria pelo pátio, uma infinidade de brincadeiras que tomam conta da escola o dia todo, mas nada que não seja normal para adolescentes, ainda mais quando convivem juntos.

É muito claro que os estudantes não enxergam a comunicação da escola, muitos deles nem sabem o nome da diretora, da coordenadora, dos funcionários que auxiliam a secretaria. Muitas vezes me referi a essas pessoas e eles perguntavam “quem é?”. Não existe troca de informação, não existe alguém que esteja ali disposto a auxiliar esses estudantes, entendê-los, e até identificar possíveis problemas antes que eles aconteçam. Existe, sim, uma pessoa que cumpre sua obrigação de resolver o problema quando ele acontece, como quem resolve a consequência e não a causa.

3.2 NA SALA DE AULA

Aquele medo de ser devorada por adolescentes em ebulição - assim caminhei adiante, acompanhada de uma espécie de madrinha, que me ajudou do início ao fim, e assisti às aulas nas turmas de oitavo e nono anos. Ao entrar na sala do oitavo ano, que corresponde à sétima série, fiquei encantada com a pluralidade de estereótipos. Vale ressaltar que, antes de chegar àquela turma, um professor destacou alguns alunos, e disse ser a mais difícil. A relação entre professor e aluno é, claramente, uma relação de opressão, de um que fala e de outro que ouve,

um que manda e outro que obedece. Como traz o trecho “a verdadeira comunicação não acontece com um emissor que fala e um receptor que escuta, mas com dois ou mais seres ou comunidades humanas que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos (ainda que a distância através de meios artificiais)”. (KAPLÚN, 1998, p. 64)

Não existe diálogo, não existe troca, até existe algum cuidado, cada professor do seu jeito, mas algo muito distante. Os alunos olham os professores como o maior rival, alguém que vai ali para “encher o saco deles”, e por sinal acham muito chato estar ali. Qualquer lugar pode parecer mais interessante do que aquele: a janela quebrada, o cabelo da colega que está vermelho, o caderno que serve de fonte para milhões de desenhos, os pensamentos, que devem ser muitos, qualquer lugar é melhor do que aquele quadro. Eles são tratados, por alguns professores, com muita rispidez, justificada por uma longa experiência de professores que dizem que “se não fizer isso no início, você não dá mais aula”. Todos falam a mesma coisa e logo a maioria dos alunos é tratada assim, como qualquer coisa, que tem de ficar parada e prestar atenção.

O modelo de educação utilizado na Sátiro Dias - e acredito que na maioria das escolas no Brasil - é extremamente arcaico, não acompanha uma mudança de geração que, inclusive, vive rodeada de tecnologia e mudanças. Você querer que um adolescente fique 50 minutos sentado, em uma cadeira (quebrada), em um sala de aula (sem porta, janela e ventilador), com um professor gritando e tratando-o mal, explicando um assunto que ele não sabe onde, quando e para que vai usar na vida, é quase impossível. A maioria dos alunos da escola pública não sabe por que está na escola, cada um tem uma história de vida diferente, que às vezes envolve violência doméstica, uma família desestruturada, o cenário onde eles vivem e a realidade de cada um acabam deixando a escola em segundo plano. São jovens que vivem na iminência de arranjar um trabalho, de ajudar em casa, de sair de casa, então as decisões nem sempre são tomadas por eles e sim pela força das circunstâncias que eles vivem.

Outro fator que problematiza essa relação entre escola, aluno e professor, é a base escolar com que esses alunos chegam às turmas de oitavo e nono anos. Muitas estudantes não sabem escrever, não sabem ler, não sabem concordância verbal, não sabem as classes gramaticais, não têm noção de matemática, ciências e geografia, enfim é uma situação que dificulta ainda mais a ação do professor em sala de aula, ele que precisa dar o conteúdo programático para aquela série, e o aluno, que precisa aprender aquele conteúdo para passar, mas não tem as noções básicas para isso. Para explicar essa situação, temos de pontuar algumas situações: primeiro, a

fragilidade do ensino básico, que deveria ensinar o suficiente para os estudantes conseguirem cursar o ensino fundamental, e depois temos medidas sancionadas pelo governo, disponíveis no site <https://www.direitonet.com.br/>, como:

A **Lei 9.394/96** proíbe a reprovação em sala de alfabetização. Adverte pais e gestores educacionais para a aplicação da **Lei 9.394**, a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, que **não** reconhece a alfabetização como nível ou subnível de ensino, ficando, assim, proibida a reprovação na alfabetização”

Além disso, temos o dilema dos professores, como podemos ver no documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, de João Jardim, em relação à aprovação e reprovação no conselho de classe. Um trecho do documentário traz professores questionando se iriam ou não aprovar um estudante, levando em consideração que, se reprovassem, poderia ser um estímulo para ele largar a escola de vez, e se aprovassem estariam passando para outro ano um aluno que teve um rendimento muito baixo na maioria das disciplinas e não teria base suficiente para ir para outra série. No documentário, o aluno foi aprovado, e na vida real também é assim. Isso envolve não só a escola, mas professores que querem “se livrar do aluno”, um governo que pressiona por aumento no índice de escolaridade do aluno e ao mesmo tempo precisa que aquele estudante saia logo da escola, o que reflete em números. Por exemplo, em 2017 apenas 34% dos alunos da rede pública, do nono ano, aprenderam o adequado de português, entre 1.782.431 estudantes.

Mas ao falar de sala de aula e de todas essas questões que citamos acima, é necessário expor o lado do professor. Não é fácil estar numa sala de aula em condições lamentáveis, sem a devida estrutura, com um salário defasado e sem nenhum reconhecimento. Do mesmo modo que não é fácil trabalhar vendo diversos benefícios conquistados sendo retirados pelo governo, em uma escola que não disponibiliza ferramentas para melhorar o ensino e também melhorar a relação entre professores e alunos; em uma escola onde às vezes não tem água sequer para beber, com muitos colegas que não fazem a menor questão de lutar por mudanças tanto na estrutura interna da própria escola onde ensinam quanto no modelo da educação que oferece. Os professores, atualmente, são pouco reconhecidos pelo próprio governo que lhes paga, assim como pela sociedade e, dentro da própria escola, pela diretoria, pelos funcionários e também pelos alunos e por suas famílias – o que parece ser um desestimulante quadro no cenário nacional. É um desafio entrar numa sala de aula todos dias e conseguir ser mais do que um professor - ser mãe, pai, psicólogo, conselheiro, não se envolver com as necessidades que cada aluno traz e que

refletem numa nota baixa por deficiência de aprendizado, o que resulta, muitas vezes, em costumeira agressão. Tem que existir resiliência e compreensão do professor para entender que aquele aluno que grita e atrapalha em toda aula pode estar vivendo um momento difícil e precisa do apoio, e não dá bronca. Entender o lado do professor e entender o lado do aluno parece ser tarefa das mais difíceis, porque só pode acontecer quando vivenciarmos o dia a dia de cada um, e digo com convicção: hoje, todos os lados que compõem esse cotidiano do processo educacional precisam de muita ajuda, para que o professor possa ensinar além de suas matérias e orientar o aluno a enfrentar seus recorrentes pesadelos, liberando sua capacidade de sonhar seus próprios ideais.

Toda escola precisa de uma estrutura sólida para acontecer, e vamos ressaltar aqui dois tipos de estrutura: a física e a organizacional, se assim podemos dizer. Durante minha permanência na Sático Dias encontrei problemas comuns, que, de alguma maneira, comprometem o bom funcionamento de uma escola. Professores sem água para beber, salas sem ventilação, portas e janelas quebradas, sanitários impraticáveis e ausência de merenda escolar, porque “o governo não repassou a verba”. Uma breve passagem pela sala dos professores permitiu-me avaliar que são poucos os interessados em mudar a realidade da escola. Alguns deles já foram até ameaçados de morte por alunos, xingados, agredidos, encontrando nos riscos em seus carros estacionados nas proximidades da escola um produto da “vingança discente”. As reclamações contra os baixos salários são corriqueiras, assim como contra erros que às vezes vêm no contracheque. “Eu já fiz tudo que tinha de fazer, agora vocês que se virem pra aprender”, disse um dos professores em sala de aula, para depois, simplesmente, copiar o assunto no quadro, sem explicar, justificando que sua aposentadoria estava próxima, como revelou um dos alunos do grupo. São professores que deixam os alunos fazerem o que quer na sala de aula exatamente para não criar nenhuma indisposição com eles; são professores que brigam na elaboração dos horários de aula para não ficarem no turno da tarde, considerado “perigoso”, como já dissemos, e aí “sobra” para os novatos. Não quero entrar em mérito para justificar essas ações, até porque não cabe neste memorial e não acho que tenha justificativa, mas as condições de trabalho para esses professores são vergonhosas.

Quando olhamos os dois lados, penso que criamos uma bola de neve e receio, diante da realidade em que vivemos, que ela despenque ribanceira abaixo levando em sua trajetória os valores que ainda resistem. Esse memorial me fez questionar: são professores que não querem dar aula por causa dos alunos que não querem aprender, ou os alunos que não querem aprender

porque os professores não querem dar aula? Existem os dois lados da moeda, mas o mais complicado é que não vemos a luzinha, tênue que seja, no fim do túnel. Vale dizer que existem professores especiais, interessados na questão, como eu pude presenciar, aqueles que entendem que cada aluno vive uma realidade diferente e que às vezes ela é muito cruel. São seres humanos que tentam, naquele pouco tempo de aula, disseminar um pouco do que sabem, motivar os alunos para que eles não desistam e sigam sempre em frente; são professores que, por mais que seja com gritos e muita rigidez, deixam em cada estudante um sentimento de “eles se preocupam comigo”. Como em toda floresta, existem flores e espinhos.

Como em toda situação, existe o outro lado da história. Engraçado é que, como ouvinte dentro da sala de aula, consigo enxergar o outro lado daqueles estudantes: em cada olhar, em cada ténis, em cada risada, em cada vez que eles levantam para “perturbar” um colega, em cada grito, cada brinco, vejo um potencial enorme: sonhos, energia, jovens que precisam se comunicar, se expressar, que querem ganhar o mundo e não encontram na escola nada que agregue, nada que possam utilizar na vida, porque ela é diferente de tudo que eles vivem.

Dentro da escola existem perfis diferentes de alunos, temos aqueles que se sentam na frente, copiam tudo, participam, aqueles que as professoras adoram, que estão na escola pública porque a mãe realmente não tem condição de colocá-los numa escola particular, temos aqueles que tentam participar, estudar, mas nem sempre conseguem, e temos aquela turma do “fundão” que, escancaradamente, precisa se expressar. Ali se instalam aqueles que passeiam pelas salas de aula e, “na boca” dos professores, são conhecidos como “os piores”, os que mais dão problema, aqueles que não conseguem se concentrar, passar de ano e acabam sendo ameaçados de serem transferidos para o turno da tarde, o conhecido “TJ” - Tempo Juvenil. Por mais que já tenha citado o TJ, ele ainda me deixa num processo de desilusão muito grande, por ser uma saída cruel para aumentar o número de aprovados e melhorar a imagem de um sistema, de um governo.

Na sala de aula é fácil notar que os alunos ficam bem inquietos, dá pra perceber que a energia deles não se dissipa no papel, eles falam com as roupas, penteados, cabelos, cada um utiliza uma maneira de colocar um pouquinho de si para o mundo. O que motiva essa galera? Se tivéssemos a resposta, seria muito mais fácil, e se fosse uma receita de bolo, sim, daria para multiplicar, mas cada adolescente se motiva com algo diferente. Quando perguntei do que eles

gostavam, além de um silêncio até o fundo da sala, eles disseram coisas totalmente diferentes: “escrever”, “quero tirar foto”, “gosto de violino”, cada um com suas verdades e desejos.

Chegar cada dia numa sala de aula é viver momentos tanto de autoformação quanto de formação de inúmeros adolescentes. Um dia, ao chegar, senti que tinha alguma coisa diferente, me sentei mais ao fundo, naquela turma que chamo de “pequeninhos”, pois os alunos são menores. Se eles não tivessem aqueles olhares, se não respirassem tantos sonhos, tanta leveza, com certeza eu não estaria ali, naquele calor, naquela sala e naquele poço de incertezas que, de dentro de mim, se misturam com as folhas de cadernos rasgadas e os cadarços desamarrados.

Entrar em salas com aspectos de inacabadas ou acabadas, ver cadeiras pela metade, paredes com desenhos, ou melhor, com as marcas de uma fase que marca muito, marca roupas, cabelos, vidas e personalidades. As janelas sem vidros não deixam só o sol e o barulho entrar, mas também saírem por suas fendas inúmeros pensamentos perdidos, de insegurança, sonhos indo embora daquela sala de aula que deveria ser o ponto de partida para o crescimento desses adolescentes. Ao chegar no nono ano, que corresponde agora à oitava série do ensino fundamental, me dei conta de quão plural pode ser essa fase, esse momento. Deparei-me com “diferentes nonos anos”, diferentes perfis de turma e, dentro disso, diferentes adolescentes, cada um com suas vivências, seus repertórios, seus tênis, descolados ou não, cadernos em mão ou somente folhas de papel. A maioria está sem saber o que esperar da vida, da escola, dos professores. Sabem já, nesse momento, que pelo fato de o governo não ter repassado o valor da merenda eles só terão aula até as 10h da manhã, de trinta em trinta minutos sem intervalo, pelos menos durante o primeiro mês de aula, com a possibilidade de regularizar depois do carnaval.

Sempre com muitos pais circulando pela escola, é possível respirar aquele ar de início de ano, a ansiedade da farda nova, que por sinal não é tão nova assim, dos livros serem distribuídos juntos com a vontade de encontrar logo aquele grupo de amigos que seguiram juntos, em alguns casos até o final do ano. O nono ano é aquela turma que provavelmente seguiu no colégio desde a quinta série, os professores já os conhecem, seus jeitos, trejeitos e até aqueles que eles acham que precisam ou que não têm jeito. São alunos “da casa”, porém este ano, devido ao fechamento de várias escolas estaduais, a Sático Dias está recebendo alunos novos, que só ficaram, até então, naquele ano na escola e devem seguir para o ensino médio.

Entrar naquela escola é ver, em suas paredes, seus bancos, suas salas, uma história que é feita a cada ano, com vidas diferentes, pensamentos diferentes e momentos que marcam para sempre:

a adolescência. Em cada coisa que li naquelas mesas e naquelas paredes está estampada a necessidade de falar, de comunicar algo, de colocar em algum lugar coisas não ditas ou que não podem ser ditas. A escola, como uma instituição de ensino, que deveria ser parceira de seus alunos, de seus pais, ainda hoje sustenta um modelo hierarquizado, onde não existe uma troca de conhecimento e sim um modelo tradicional baseado na forma “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, o que não funciona há um tempo. Adolescentes têm necessidade de falar, comunicar, de serem ouvidos e levados adiante, mas a escola não está aberta para isso.



Figura 19 – Hugo, Wesley Gabriel, Yasmim, Carol e Ticiane

Vejo, com tristeza, e ao mesmo tempo esperança, o modelo de escola pública que sustentamos em nosso país. Onde foi que paramos e não percebemos que o mundo mudou, que os sonhos mudaram, que os pensamentos voaram e que as escolas precisam acompanhar esses processos, esses jovens, para que eles não fiquem no meio do caminho?

Hoje a escola não é nem um pouco interessante para seus alunos, virou um local de completa obrigação em que o único momento que agrega algo para eles é no chamado “pátio”, onde enfim eles se comunicam, e, de uma forma só deles, aprendem mais do que dentro das salas de aulas. Ao visitar a Escola Sátiro Dias, e acompanhar, inicialmente, as aulas das turmas de oitavo e nono anos, pude ver como é cruel o que fazem com a comunicação, com o diálogo que fica restrito a um monólogo - professor, professor e professor. É muito difícil, mas é real, não é uma história de um lado só, existem tantos lados que fazem a escola ser assim, um lado daquele que se propõe a transmitir um conhecimento mas se depara com uma escola fria, sem estrutura, com um governo que não ampara e sim maltrata, de salários a merendas que não chegam. É uma escola que sustenta cadeiras quebradas, salas sem vidros nas janelas e às vezes portas impressadas por cadeiras, por estarem quebradas. Sim, em Salvador, nesse calor que chega a ser insuportável, os professores trabalham sem ventilador e por vezes sem água. Não estou

falando de um país pobre, estou falando do Brasil, Bahia, Salvador, Pituba. E mesmo assim, nesse cenário todo, consigo ver tantas possibilidades que é difícil conter a alegria. Assim começo minha história, minha jornada que, de sonho passou a realidade e virou meu trabalho de conclusão de curso.

Tive vários momentos durante o projeto. No início, foi muito difícil fazer as coisas começarem, apesar do apoio de alguns professores, da diretora e da vice-diretora, e registro que alguns funcionários não fizeram muito esforço para que as oficinas acontecessem, vamos dizer assim. A primeira dificuldade foi ter a sala que a diretora disponibilizou para o projeto, pois nela estavam os livros que deveriam ser distribuídos para os alunos, e com mais de um mês de aula isso ainda não tinha sido feito. Não foi dada uma explicação plausível para essa demora, mas com o que pude ouvir de alguns funcionários, ninguém queria ter o trabalho de separar os livros por séries e chamar cada turma para ir pegá-los e depois assinar uma lista para comprovar que receberam. Depois de muita insistência, uma funcionária, praticamente sozinha, começou a distribuição e o primeiro passo foi dado. Depois que a sala estava “livre”, descobri que tinha uma parte do teto desabando e não tinha luz, e uma das funcionárias disse que não poderia resolver e que dessa forma não haveria projeto. Mas como já falei aqui, por outro lado encontrei pessoas que me ajudaram bastante nessa jornada, como o Sr Luís, o porteiro, e Janice, uma auxiliar, que ajudaram a sala e assim pude começar as aulas. A sala não tinha internet, mas fui informada de que poderia comprar um modem e acessar o wifi da escola, o que logo fiz. Mas a mesma funcionária demorou um mês para chamar uma pessoa para instalar, o que só aconteceu quando falei com a vice-diretora. Encarei diversos contratemplos, e às vezes é difícil de acreditar, pois estava fazendo algo para somar à escola, uma oportunidade para os alunos, mas para os funcionários eu estava “dando mais trabalho”, pois eles tinham de fazer coisas que antes não faziam, como limpar a sala e “olhar” os alunos durante o almoço. Mas durante todo o projeto teve uma situação que realmente me fez pensar duas vezes em continuar: quando cheguei para conversar com Ivana, a diretora, ela deixou bem claro que a escola não tinha nenhum capital para o projeto, e eu me dispus a comprar o que era necessário, inclusive a bancar o almoço dos alunos nos dias em que eles fossem ficar, as funcionárias da cantina iriam fazer a comida e eles poderiam emendar com o turno da tarde. Foi um investimento, em média, de R\$ 2.000, que possibilitou essas vivências para mim e para esse grupo de estudantes do Projeto Jovem Curioso, e uma situação sintomática: houve dias em que a comida que eu comprava sumia, ou em que todos os funcionários da escola almoçavam do que era destinado aos alunos,

e assim, o que seria servido em dois dias rendia apenas para um dia. Estranhamente, houve oportunidade de a vice-diretora me ligar para dizer que não podia liberar o projeto, pois não tinha “a comida que ela achava ideal”, sendo que a comida era a mesma utilizada anteriormente para outros fins. Essas situações fazem a gente perder a vontade de continuar, de acreditar no sistema, nas pessoas, mas fizeram com que eu entendesse como alguém pode desviar dinheiro da merenda escolar. E a pior situação é que, se eu fosse brigar com elas, como eu fiz até que aconteceu isso, meu projeto ficaria comprometido, pois elas não iriam mais “possibilitar” que ele acontecesse. Diante desse quadro, fica difícil esperar que a educação funcione a contento em qualquer escola, mas, infelizmente, muitas pessoas deixam as coisas passar e por isso diversos projetos não vão para a frente. Veja que eu vivi isso em uma situação “pequena” em comparação às diversas relações de poder que vemos nesse cenário atual do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou iniciar minhas considerações finais voltando à questão da estrutura em que se encontra a Escola Sátiro Dias, pois não pude furtar-me à indignação ao ver uma escola, “templo do saber”, assim “largada” e ao mesmo tempo caminhando para a depredação total. Chocou-me ver apenas uma sala com aparelho de ar condicionado, mas reservada exclusivamente para alunos com “bom comportamento”; banheiro feminino sem porta, carteiras sem braços, bebedouros lotados de copos usados, quadra esportiva totalmente destruída, grades de ferro enferrujadas encostadas nas paredes, e muito lixo. Mas o que mais chamou minha atenção na escola não foi esse cenário e sim o quanto foi “perdido” por falta de uso.



Figura 20- Luis Henrique, Projeto Jovem Curioso

Na sala onde acontecem as oficinas, realizava-se antes o projeto Mais Educação, pelo qual foram comprados cerca de 20 computadores para oficinas de informática, mas hoje todos estão quebrados, entulhados um em cima de outro e não servem mais por falta de uso, o mesmo acontecendo com o ar condicionado da sala; os livros que antes preenchiam as estantes da biblioteca agora estão entulhados em uma sala pequena, à qual nenhum aluno tem acesso - estou falando de dicionários, livros de história, clássicos da literatura brasileira, entre muitos outros, que estão entre teias de aranha e muita poeira. Nessa mesma sala existem diversas caixas de som, cadeiras, material de música, ar condicionado, colchões, entre outros materiais que não servem mais, porém não podem ser jogados fora, precisa ser dada baixa para que alguém da Secretaria da Educação solicite o recolhimento.



Figura 21- Integrantes do Projeto Jovem Curioso



Figura 22- Leire, Integrante do Projeto Jovem Curioso

Na parte externa ao prédio da escola existia uma horta, mas hoje é um mato alto, que traz bichos e muita sujeira. Para completar, no dia em que fui assistir a uma aula na turma do nono ano, tinha um rato morto debaixo da cadeira, e vejam que os funcionários terceirizados têm por dever limpar a sala antes do início das aulas e na troca de cada turno, vespertino e diurno. Existem 10 minis ipads, com acesso ao google, que os professores podem utilizar em sala de aula, porém nenhum aluno já tinha visto o professor utilizando-o em sala de aula.

A Educomunicação possibilitou uma vivência diferente dentro da Escola Sátiro Dias. A partir dessa intervenção, pude ver esses jovens como protagonistas, não só do projeto, mas das suas próprias vidas. Entendi que interligar comunicação à educação é um caminho para fazer

adolescentes enxergarem a vida com uma visão crítica, despertando-os para a importância que eles e elas têm enquanto alunos e alunas, enquanto cidadãos e cidadãs, mergulhando em suas potencialidades latentes e fazendo-os entender qual seu lugar no mundo, do que são capazes e quais os seus direitos. O cenário da educação no Brasil é lamentável, estamos diante de uma instituição que diz preparar os jovens do futuro, mas, na prática, não se consegue sequer preparar um horário de aula. Estamos diante de uma juventude que vive em um mundo tão plural e desigual, e que, ao mesmo tempo, é capaz de cultivar ambições, de alimentar desejos, mas, infelizmente, que não consegue perceber e acreditar do que é capaz e de qual caminho seguir, porque ninguém lhe dá as mínimas ferramentas para mergulhar no imenso oceano de suas potencialidades. São jovens esquecidos pelas políticas públicas, que não têm noção das possibilidades que podem ter. Os professores do Brasil precisam, sim, serem reconhecidos, e de uma continuidade em sua formação, que se reestruture o modelo formal que temos hoje. A comunicação, juntamente com a educação, é o caminho para criar pessoas capazes de diminuir a extrema desigualdade que vivemos hoje. Diante dessa realidade, pergunto a mim mesma: o quê, ou quem, poderá mudar esse quadro que mal desenhei neste memorial? Vez por outra, na vida pública, sempre aparece um “cavaleiro da salvação”, mas que, sozinho, enfrentando o costumeiramente político “muito pelo contrário”, esbarra em incontornáveis adversidades. E penso: será que é verdade o velho argumento de uma ala crítica que “aos políticos interessa manter o povo na ignorância”? Ou seria um passo decisivo um imenso “paredão” nacional, com a população nas ruas exigindo “mudanças já” na educação do Brasil? Como essas mudanças exigem médio ou longo prazo, possivelmente nossos filhos, ou netos, comecem a ver as novas luzes no despertar da montanha.



Foto 23- Oficina de Fotografia, Projeto Jovem Curioso

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCÊNCIA AGORA VAI ATÉ OS 24 ANOS DE IDADE, E NÃO SÓ ATÉ OS 19, DEFENDEM CIENTISTAS. **BBC**, 2018 Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-42747453>>. Acesso em 10 fevereiro de 2019.

ANDRADE, Jessica; SCARELI, Giovana. Educomunicação: práticas e perspectivas – uma análise das ações do instituto recriando em Sergipe. Sergipe, 2012. Disponível em: <<http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-435-446.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2019.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2018. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguranca-Publica-2018.pdf>> Acesso em 10 de março de 2019.

ASSIS, Simone. Et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2003. p. 669-680

BOCK, ANA. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores: Adolescência como uma construção social. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, Volume 11, 2007. p. 63-77.

BONA, Nívea; CONTEÇOTE, Marcelo; COSTA, Laílton. Kaplún e a Comunicação Popular. *Anuário UNESCO/metodista de comunicação regional*, 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/931/990>> Acesso em: 10 de março de 2019

BOURDIEU, Pierre. A "JUVENTUDE" É APENAS UMA PALAVRA, entrevista com Pierre Bourdieu. Extraído de: BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>> Acesso em 3 de março 2019

BORELI, Silvia; FILHO, João. **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC PUC- SP, 2008.

BRANDINI, Margareth; SIMSON, Olga; FERNANDES, Renata. **Educação Não Formal: cenários da criação**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

DADOS DO CENSO ESCOLAR – Ensino fundamental brasileiro tem quase duas escolas de anos iniciais para cada escola de anos finais, 2019. Disponível em: <<portal.inep.gov.br/artigo/>>

/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/dados-do-censo-escolar-ensino-fundamental-brasileiro-tem-quase-duas-escolas-de-anos-iniciais-para-cada-escola-de-anos-finais/21206> Acesso em 14 de abril de 2019.

Dados sobre a Educação no Brasil. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/>> Acesso entre 29 de janeiro a maio de 2019.

DOUTOR, Catarina. Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões. Última década n°45, projecto juventudes, 2016. p. 159-174

EKALAFABIO, Educomunicadores: Mário Kaplún, 2012, Disponível em: <<https://educomusp.wordpress.com/2012/10/30/educunicadores-mario-kaplun/>>. Acesso em 10 de março de 2019

ESTEVES, Luiz Carlos Gil e ABRAMOVAY, Miriam. VI congresso português em sociologia mundos sociais saberes e práticas, (2008) Área temática: Identidades, Valores e Modos de Vida. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas.

EUGENIO, Fernanda; MENDES, Maria Isabel. **Cultura Jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FUJITA, Luiz. **Qual foi a primeira escola?** 2018. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-escola/>> Acesso em 5 de março de 2019.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sergio. **Pedagogia Diálogo e Conflito.** 9. Ed. Cortez Editora, 2014.

GOMES, Gustavo. Entenda o que diz a lei sobre infratores menores de 18 anos. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/03/entenda-como-sao-punidos-os-infratores-menores-de-18-anos.>> Acesso em 10 de janeiro de 2019

GUIMARÃES, Nicole; PASIAN, Sonia. **Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva.** Psicologia em Estudo, v. 11, n. 1, p. 89-97, Paraná, 2006.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)

KAPLÚN, Mario. **Comunicacion entre grupos: el método del Cassete-Foro.** Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1988.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Paulo Freire. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/paulo_freire/> Acesso em 2 de abril de 2019>. Acesso em 10 de março de 2019

MARQUES, Paulo; BORGES, João. Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento. Terceiro Congresso Nacional de Educação, Bahia. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA19_ID9436_16082016200111.pdf>. Acesso em 6 de abril de 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. ed 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

Redação. **Pesquisa aponta que jovens entram cada vez mais cedo no tráfico de drogas cedo no tráfico de droga**, 2018. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/08/pesquisa-aponta-que-jovens-entram>> Acesso em 20 janeiro de 2019.

REDAÇÃO, **Alunos denunciam sérios problemas na Escola Estadual Sátiro Dias**. 2018. Disponível em: <<http://bahianow.com.br/alunos-denunciam-problemas-na-escola-estadual-satiro-dias-em-salvador/>> Acesso em: 15 de maio de 2019

ROSSONI, Rodrigo. Os Lugares da Fotografia na Educação: Questões Iniciais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012.

REVISTA GEOGRAFIA, Entenda a Educomunicação, Prof. Ismar fala de educomunicação para a revista Geografia, 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,1159>>. Acesso em: 4 de abril de 2019

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: MAUD Editora Ltda, 2002.

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO. Tempo Juvenil. Disponível em <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/tempojuvenil>> . Bahia ,2010. Acesso em 6 de março de 2019.

SILVA, Ana; Ferreira, Maria. Continuidade/Descontinuidade no Envolvimento com o Crime: Uma Discussão Crítica da Literatura na Psicologia do Desenvolvimento. Psicologia: Reflexão e Crítica, Universidade de São Paulo, 2002. p. 573-585

SILVA, S. R. Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. In: BORELLI, S.; FREIRE FILHO, J. (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

Semana Pedagógica 2019, 2019. Disponível em: <<http://semanapedagogica.educacao.ba.gov.br/>> Acesso em 5 de abril de 2019

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação, contribuição para a reforma do ensino médio**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância).